



Sociedade das Ciências Antigas

Palavras do Monte Athos

Jean-Yves Leloup

Prefácio

Jean-Yves Leloup foi ao Monte Athos muitas vezes. Ele não procurou visitar os museus, para descobrir velhos e belos ícones, para fotografar veneráveis manuscritos. Ele levava no coração a pergunta que pôs tantos homens e mulheres a caminho dos grandes mosteiros em toda a Antigüidade Cristã. “Como serei salvo?” Que é preciso fazer para ser salvo?”

Entendamo-nos bem. não se trata da busca da salvação, ilustrada por uma busca espiritual barata e posta em música no famoso cântico: “Eu só tenho uma alma”. Aquele que interroga como ser salvo, retoma por sua vez a pergunta dos judeus, após a pregação de Pedro, no dia de Pentecostes. Verdaderamente Jesus é o Messias, o Senhor, o Salvador, o Ressuscitado, o Vivo. Como ir a Ele, como acolhê-lo, viver dele? Como fazer o nosso ser, espírito, alma e corpo, uma confissão alegre de seu domínio e dom do Espírito?

Seguir o Cristo

Os monges têm sido - e são homens que esta interrogação penetrou fundo, que consentiram se engajar nesta aventura e fazer dela o eixo de sua existência. Muitas vezes se imagina como homens mobilizados, em prioridade, pela liturgia, o trabalho manual, a erudição ou separação do mundo. Estas visões são muito curtas.

A vida do monge, a obra de Deus (Opus Dei) é de início, esta resposta a um apelo de Cristo percebido à luz do Espírito. “Se queres ser perfeito”, isto é: “se queres ser salvo, se queres ter a vida, a saúde, a cura, a luz, vem, segue-me”. Cassiano para narrar a aventura de Santo Antão, o Pai dos monges, não utilizará outros termos: Antão seguiu o Cristo”, do mesmo modo este apoftegma: “Que é preciso fazer para ser salvo?” Um antigo respondeu: “Segue Jesus”.

A oração do coração

Seguir o Cristo é de início, abrir-lhe a porta do nosso coração: “Que é preciso fazer para ser salvo?” Um ancião respondeu: “Tem um coração e serás salvo”. O coração para a grande tradição monástica, como para a Bíblia, é em primeiro lugar o homem em suas raízes mais profundas, neste lugar onde ele pode dizer sem mentira eu e sim, mas também tu. É o lugar onde o homem se revela, separado, pode enfim “habitar consigo mesmo”, reconhecer o Senhor e orar em verdade. “Entra em teu coração e vê o que experimentas lá e que tu és a imagem de Deus” (Santo Agostinho). O monge deve, em primeiro lugar reconhecer que ele tem um coração duplo, senão múltiplo, um coração petrificado; ele deve então reuni-lo na paz e com a lembrança do senhor, amolecê-lo e quebrá-lo no arrependimento até que ele se torne um coração de verdade, trabalhado pela palavra de Deus, irrigado e semeado pelo Espírito. Então deste “âmago” (Tauler) brota o louvor, então a vida comum que o monge leva, com seus irmãos, se torna concórdia, unidade dos corações, então a frequência da palavra não é mais somente leitura ou estudo, mas recordatio, meditação do coração, e a liturgia que ele celebra se desenrola também no altar de seu coração.

Para falar do que se noutra lugar, a oração secreta, os antigos monges gostavam da expressão **oração do coração**. Trata-se, efetivamente, deste canto, ou deste grito, ou deste silêncio, que se eleva do coração quando o Espírito o purifica, aquece e o ilumina. O segredo da “oração de Jesus” está aí. Quando se a desenraíza da terra que a fez nascer, arrisca-se de não mais ver nela, senão uma destas múltiplas técnicas de recolhimento que os historiadores das religiões conhecem. Ora, ela é infinitamente mais do que isto. Ela é o grito do coração daquele que reconheceu em Jesus seu Senhor e que, incansavelmente o chama, confessa, celebra, escuta, espera, chora, chama, confessa, celebra, escuta, espera, súplica ou se rejubila diante de sua face. A obra do coração que a oração de Jesus exprime, invade, pouco a pouco toda a existência daquele que ela se entrega, ela lhe abre um caminho que não tem fim nesta terra: trata-se, efetivamente, de ir sempre de altura em altura, de começo em começo, de claridade em claridade.

O coração e o corpo

Que os antigos monges sabiam também e muito bem, é que o coração e o corpo não são justapostos como se eles constituíssem dois cavalos de uma mesma parrelha. Os dois juntos constituem a pessoa, eles estão em constante interação. E, se às vezes, combatem um contra o outro, trata-se de reconciliá-los numa misteriosa preparação para a ressurreição do último dia, cujos penhores já nos foram dados. É por esta razão que os monges se empenham a jamais deixarem o corpo fora da aventura da oração. Quer se trate da castidade, do jejum, da vigília, da participação física na liturgia, em tudo isto se manifesta a participação do corpo na busca de Deus. Que estes elementos tenham sido vividos como uma performance, uma ginástica e, às vezes, mesmo uma repressão, infelizmente é bem verdade! Entretanto, a intuição original dos monges é infinitamente mais profunda. Enquanto deixamos o corpo fora da aventura espiritual, nós nos arriscamos de mentir a nós mesmos e a Deus. A vida no espírito que é seguimento do Cristo consiste então, na unificação profunda do homem, cujo espírito, “descendo ao coração”, escuta Deus com humildade e deslumbramento, e do qual o coração irradia no corpo que ele transfigura pouco a pouco, através de uma “multidão de retornos” (Suso) e a experiência da misericórdia. Corpo e coração juntos velam diante do Vivo, assegurando que Ele é a palavra que alimenta e o celebram como sua fonte, seu criador e sua felicidade. Um corpo perdido.

Á esta luz, compreende-se melhor o aspecto paroxístico da aventura de certos monges. estes vigias não são insones nem estes jejuadores os anoréxicos, mas eles não podem fazer gestos loucos que exprimam o desejo de seus corações. Muitas vezes, talvez, estes gestos tenham escapado, não foram regulados por seus corações e perderam seu sentido. É a origem de um farisaísmo polimorfo que tem sido sempre a tentação da vida monástica. Tem-se sempre encontrado monges tranquilos e humildes para restabelecer o equilíbrio e mostrar o verdadeiro caminho. E este é o caminho de todo batizado. Paradoxalmente, com efeito, e para o encontro de tanta igualdade e de lugares comuns, dos quais alguns vêm do meio monástico, nada mais precioso na vida do monge do que ele tem em comum com todos os batizados, a saber, o amor de Deus e do próximo. São Bernardo dizia com convicção: a humildade é maior que a virgindade e se a virgindade não é mais ordenada à humildade, ela arrisca de se tornar orgulho e segura do coração. Pode-se dizer outro tanto da pobreza, da obediência, do jejum e de tudo o que constitui a estrutura da vida monástica. Tudo isto é ordenado à edificação do homem novo no amor. Quando estes elementos perdem sua orientação profunda, são pervertidos, desviados. É esta a cólera dos grandes monges contra aqueles que se justificam por suas práticas e por suas observâncias, contra aqueles que crêem, no fundo, que suas práticas lhes dão lugar privilegiado à mesa do Senhor.

Não se põe a mão em Deus, mesmo quando se é monge.

O deserto

Esta aventura tem muitas vezes, conduzido os monges longe das cidades, no deserto, onde, na solidão e no silêncio, eles encontram um clima de paz para a oração e a guarda do coração. Lembremos de Antão, o Grande que, em cada etapa de sua existência, “esquecendo o caminho percorrido”, se mergulhava sempre mais no deserto. Pensemos também no deserto da Cartuxa, no do Monte Athos, no deserto de Optimo na Rússia, nos lugares afastados onde os filhos de São Bento e de São Bernardo foram habitar. Outros monges têm vivido a aventura no coração das cidades ou perto delas, no Oriente, na Rússia, no Ocidente: Simeão o Novo Teólogo viveu em Constantinopla, São Sérgio perto de Moscou, Santa Tereza de Ávila instalou seus Carmelos nas cidades da Espanha. Num caso como no outro, há uma procura de paz, de silêncio e de solidão tão verdadeira, tão intensa, tão verdadeira, tão diferentes quantas sejam as modalidades.

Seu amor pelo retiro, entretanto, jamais impediu os monges de receber aqueles que vinham procurar os seus conselhos ou participar de sua oração. Atenção! Eles afastavam facilmente os curiosos, fossem eles bispos: lembremo-nos de Abba Arsênio aconselhando a Teófilo, arcebispo muito venerado de Alexandria, que viera visitá-lo, ir ver outros lugares porque ele aí não estava. Mas, quando se trata de uma verdadeira dor, de uma busca autêntica, então as portas se abrem, o acolhimento é caloroso e cordial.

O monge que abre a sua porta não trai o apelo que o conduziu ao deserto. Melhor, ele exprime assim um dos aspectos fundamentais da aventura que ele vive. São Macário, um dos grandes espirituais do IV^o século, o explica nestes termos: “Aqueles que foram julgados dignos de se tornarem filhos de Deus e de nascer do alto, do Espírito Santo, acontece-lhes chorar a se afligir por todo gênero humano, implorando a Deus por toda a descendência de Adão. Se eles sofrem e choram, é porque estão abrasados de amor espiritual por toda a humanidade. Depois, de novo, o Espírito suscita neles uma tal alegria e um tal elan de caridade, que eles queriam, se fosse possível, encerrar em seus corações todos os homens, sem distinguir os maus dos bons”. Eis porque o esquivo solitário sabe acolher e consolar com calor: o Cristo que ele encontrou no segredo do deserto semeou em seu coração o desejo de que todos os homens sejam salvos, desejo que o levou a se fazer homem para nossa salvação. Assim o coração purificado pelo Espírito transborda de misericórdia para com toda a criação (Santo Isaac).

É assim que os mosteiros se tornaram rapidamente, lugares de peregrinação. Alguns monges famosos tiveram de se proteger contra a invasão dos questionadores, mas eles não os despediram, Que se pense, por exemplo, nestes grandes conselheiros espirituais que foram, no IV^o século, Barsanúfio e João de Gaza comunicando-se com seus visitantes por bilhetes que foram conservados e que testemunham um admirável discernimento.

Compaixão

O monge dá um conselho, simples, adequado; ele não dá uma Bíblia àquele que lhe pede um pão, como este monge russo do último século, que soube se interessar pelos perus cujo futuro preocupava uma pobre camponesa. Sucedeu também que ele fez participar um pouco de sua vida, um convidado seu. Quando no fim do último século, um leigo atormentado, Motovilov, foi interrogar Seraphim de Sarov sobre a vida cristã, o santo monge não lhe deu um curso de espiritualidade; ele rezou e a compaixão que manava de seu coração refletiu como luz e envolveu logo o seu ouvinte com seus raios. A vida cristã, diz em substância Seraphim, é a aquisição do Espírito Santo, isto é, porque estamos animados a viver juntos. E Motovilov de gozar uma paz e uma alegria que vão invadir o seu coração e engajá-lo nos caminhos do Evangelho. Tantos monges que não souberam falar da oração, iletrados e taciturnos que eram, souberam assim comunicar efetivamente, a luz e o ardor do Espírito que habitava neles.

Parece que no Ocidente, para resguardar a clausura e a separação do mundo, e também, devido ao desenvolvimento da prática da direção espiritual pelos cleros regulares e seculares, o costume de ir consultar os santos monges experimentados, perdeu a sua importância. Então, se as paredes dos

mosteiros pudessem falar, elas nos revelariam maravilhosos segredos. Entretanto no último século, as multidões vão a Ars, elas encontram este reflexo que levava outrora as multidões aos mosteiros fervorosos; não se vai lá tirar a sorte; vai-se consultar um clarividente, um homem de Deus. As respostas do Cura d’Ars são, aliás, da mesma linha dos Padres do deserto.

No Oriente, principalmente na ortodoxia, o costume de ir procurar os monges para pedir uma palavra, tem-se mantido largamente. Na União Soviética, fica-se admirado com as multidões que continuam freqüentando os mosteiros abertos, assim como com a disponibilidade e compaixão dos monges, apesar de ciosamente apegados ao silêncio e a solidão. O mosteiro da Trindade São Sérgio, em Zagorsk, permanece ainda um lugar de oração, mas também de consolação, de compaixão por todos os sofrimentos.

O Athos

O Monte Athos, com seus milhares de monges, há mais de mil anos tem desempenhado este papel. Multidões de peregrinos, vindos de todos os mundos ortodoxo, aí acorrem, rezam e se confessam, recebem conselhos, amenos que aí permaneçam, tal como aquele que devia se tornar o Staretz Silouane, cujos os textos admiráveis foram recentemente traduzidos para o francês.

Atualmente, alguns mosteiros, cujos monges vieram dos países do Leste, estão quase vazios, no começo do século eles contavam com milhares de monges. Os mosteiros gregos, após uma diminuição de seus efetivos, vêem hoje as vocações afluírem. Qualquer que seja o número dos monges, os peregrinos continuam afluir. para eles, a hospedaria está aberta, a mesa arrumada. certamente quando se trata de um peregrino católico romano, o acolhimento é um pouco frio: o que ele veio procurar? Se está a busca da verdade porque não se torna ortodoxo? Mas estas reações desaparecem logo em proveito da hospitalidade monástica.

Algumas pessoas foram ao Monte Athos como peregrinos e voltaram decepcionados: verdades ou fábulas, eles narram fatos que se encontram ao longo da vida monástica. não há fumaça sem fogo e sabemos que, já na Idade Média e na Antigüidade, os monges não eram poupados pelos satiristas ou os moralistas cristãos. Outros visitantes voltara da santa montanha com a impressão de haverem coabitado durante alguns dias com anjos. E é de exclamar diante de tal visão, do esplendor de tal liturgia, da beleza extraordinária das paisagens. Críticos e apreciadores arriscam-se muito de se enganarem. Num e noutro caso, uma procura verdadeira de mudança de coração não estava na raiz da peregrinação.

Palavras de monges

Jean-Yves Leloup parece bem ter ido lá para receber uma “palavra”. O feixe que ele recolheu lá é tanto o sinal da autenticidade de sua procura, como a dos monges que lhe responderam. Estas palavras soam claro e refrescam o coração. Ao lê-las e relê-las, vemos bem que elas não são uma conversação ecumênica no sentido clássico do termo, nem um encontro no cume, entre técnicos da busca de Deus.

Trata-se, hoje como no IVº século no Egito, da conversa de um homem jovem que foi atraído pelo Cristo, com os anciãos que o precederam neste caminho. Estes anciãos não lhe deram conselhos magistras do alto de sua sabedoria, nem lhe estenderam a mão de uma margem sobre a qual eles já chegaram. Humildemente, com doçura e ternura, eles lhe falam do caminho, de sua beleza, de sua aspereza, de seus perigos. Não há mais Oriente ou Ocidente, mas um caminho sobre o qual os homens estão engajados. Estes homens falam deste Jesus que queimou seus corações e o senhor mesmo anda ao lado deles. é questão de oração, do pai espiritual, do discernimento, dos jejuns e das vigílias e de tantos outros elementos do caminho para Deus que são atuais há dois mil anos.

Estas palavras, foram publicadas na **Vie Spirituelle**, e tem sido a alegria e o alimento de muitos leitores em busca de Deus. Eis porque tivemos a idéia de reuni-las num volume. Tais quais, elas são simples e modestas, mas seu goste de água da fonte não engana. Possam elas continuar a ajudar àqueles, leigos ou monges, que querem voltar ao seu coração, aí escutar o Evangelho de sorte que nele brote a verdadeira oração e que ele fique “cheio de vida espiritual” (Santo Isaac).

Estas páginas são o testemunho de uma tradição secular que não se acomoda com fáceis ajustes ao gosto do dia. Aquele que as recolheu é um homem bem de seu tempo, bom conhecedor das tradições extremo-orientais e ao mesmo tempo cuidadoso de honrar, em seu justo valor, o ensinamento e a prática dos cristão espirituais. não se trata de uma reportagem, nem de um estudo técnico, mas destas conversas das quais os antigos monges tinham o gosto e das quais São João Cassiano, no IVº século, deu um bom eco em suas **Conferências**.

fr. Jean-René Bouchet, OP

Introdução

É difícil falar do Monte Athos. é preciso resistir a duas tentações: a de fazer dele um ícone, de ver em toda parte, rolar a luz divina e de canonizar, sob pretexto de tradição, as atitudes mais supersticiosas e as mais aberrantes; a de fazer dele uma caricatura e de falar do Monte Athos como falam os jornais que só vê em sua simonia, sua homossexualidade e a “miséria dos quais se cercam os bem-aventurados”.

Estas “palavras” dos monges são um ensaio de síntese de numerosas conversas que pude ter com eles na santa montanha, mais particularmente com o hegoumenos de Stavronikita, Simonos Petras e Pantéleimon, o monge Crisóstomo da skite de Xenofontes e um “Ancião” cujo nome não sei mais - ele vivia nas redondezas de Sant’ Ana.

A palavra não está somente na boca daquele que fala, ela está também no ouvido daquele que escuta, e minha memória não é a dos gravadores. Não se encontrará então aqui, a retranscrição literal de nossas conversas, mas antes o fruto adormecido que estas palavras puderem despertar em mim.

Minhas perguntas forma sempre as mesmas:

O que é um monge? Qual a finalidade da vida monástica? Quais são os meios para realizar esta finalidade? O jejum? As vigílias? A obediência? O silêncio? A pobreza?

O que é a **Hesyquia, a apatheia**?

O que é a experiência da graça? Como adquirir o Espírito Santo? O que é a oração? O que é a oração do coração? Como orar sem cessar? como conhecer a v/ntade de Deus? Como discernir os pensamentos? Qual é o papel do pai espiritual? Como orar por todos os homens? O que é o amor dos inimigos?

Após haver narrado uma conversa com o Padre Dionísio, responsável pelos hóspedes, de Simonos Petra, eu reuni em pequenos capítulos as diferentes respostas que me foram dadas sobre cada um destes temas .

As referências implícitas à Escritura, aos apoftegmas e aos Padres da Igreja, fazem destas “palavras” um eco vivo da Tradição. Os monges que eu encontrei pareciam, de fato, mais preocupados em “transmitir o que eles mesmos haviam recebido” de seus Pais, que de dividir uma experiência pessoal. Há um risco nisto; é o de receber respostas formais, descrevendo uma vida monástica ideal, sem grande relação com o que é atualmente vivido. Estas palavras sucumbiram

então ao que eu chamei a tentação do ícone. Mas o ícone orienta o retrato, como o Bem e o Belo orientam a nossa liberdade. Ela é a verdadeira face do homem, mas esta verdadeira face está ainda por nascer. Nestas palavras, há um eco do homem recém-nascido, do homem transformado pelo Espírito de Deus e há um eco das dores do parto, um eco do homem dilacerado entre suas boas e más vontades.

É preciso ouvir rir, é preciso ouvir gritar. É o canto e é o próprio barulho de nosso coração.

I **Padre Dionísio** **Mosteiro de Simonos Petra**

O que é um monge?

É alguém que quer seguir o Cristo até o fim. Cada dia ele se deixa conduzir pelo Espírito Santo e sua obediência o torna semelhante ao Cristo obediente. Ele é um recém-nascido, uma criança voltada para o Pai, um homem na Trindade.

Como se tornar um monge?

Renunciando a si mesmo. É preciso que o grão seja escondido na terra para que dê fruto. É preciso jejuar, vigiar, guarda-se puro, adquirir a humildade, orar sem cessar.

Como Orar sem cessar?

É um dom de Deus, é preciso pedir-lhe. “Se vós que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais o Pai celeste dará o Espírito àqueles que lhe pedem”. É preciso pedir à Mãe de Deus e aos seus santos interceder por nós.

O que acontece quando se reza sem cessar?

“Não sou eu mais que vivo, é o Cristo que vive mim”. A respiração de Jesus em nós, é o Espírito Santo que diz: “Abba” e que reza por todos os homens.

Como orar por todos os homens?

Orar por todos os homens, mesmo pelos inimigos, é o amor mesmo de Deus em nosso coração, é o fruto da oração. É preciso cantar os ofícios, ler os salmos, meditar os Evangelhos, dizer sem cessar: “Senhor, tende piedade”. O coração purificado, ele se torna humilde e pode então orar por todos os homens, pelos pecadores. Ele pode derramar lágrimas e dar seu sangue.

Como amar seus inimigos?

Primeiramente, quem são nossos inimigos? O monge não tem outros inimigos a não ser os demônios. Orar pelos demônios, isto nos é impossível; nós devemos combatê-los, mas combatê-los pelo amor. É ser crucificado com Jesus. Nós descemos com Ele aos infernos. Um coração puro, um coração de criança só pode triunfar das potências tenebrosas. É preciso que não haja mais ódio, mais mentira no coração, ele deve ser o trono da luz e do amor. Eis o que somos: o trono de Deus, os templos do Espírito Santo. Se somos isto, então nós amamos nossos inimigos. Mas, muitas vezes, há outra coisa que Deus em nós. Nós **não** somos humildes e o Amor não pode mais viver em nós. É, em lugar de orar, nós julgamos os outros, nós nos tornamos presas de nossos pensamentos.

O que é a experiência do Espírito Santo?

É quando estamos mortos a nós mesmos e que Cristo vive em nós. Então caminhamos na luz, somos deuses pela graça, homens novos.

O que é a hesychia?

É o silêncio em nosso coração, nosso espírito, nosso corpo. Aquele que jamais faz sua vontade própria permanece em silêncio diante de Deus. Ele se afasta em seu corpo, seu espírito e seu coração, diante de Deus. Este homem pode então caminhar na cidade e viver no meio do barulho: ele está sempre diante de Deus. Mas isto é muito raro. É preciso começar pelo silêncio, longe do mundo, longe de todos os cuidados e gozar, de início, quanto o Senhor é bom. Aquele que não sabe calar-se diante de Deus em sua cela, como poderá ouvi-lo nas praças da cidade? Muitos monges não conhecem nem mesmo a **Hesychia** em sua cela, eles são muitos faladores, afastam-se em suas lembranças e suas imaginações; preocupam-se de todos os modos com o dia de amanhã, o que é contrário ao mandamento do Senhor: “Parai e conheci que eu sou Deus”.

É a hesychia que conduz a apatheia?

Sim. A **apatheia** é o fim. Então o homem é como Deus. Não há mais nele maus pensamentos, ele não é mais escravo de nenhuma paixão, ele se tornou amor, sem emoções, sem desejo: ele É. Sua oração então é verdadeiramente eficaz porque ele reza com próprio coração de Deus que criou e salvou o mundo.

Mas quem conhece este estado?

Se não houvesse o testemunho dos santos, nós desesperaríamos de conhecer este estado de bem-aventurado prometido pelo Cristo.

Os santos ocupam um grande lugar em vossa vida?

Sim; a Mãe de Deus, todos os santos. Eles nos são mais próximos que nossos vizinhos, do que nossos companheiros de trabalho; eles são verdadeiros vivos. Gregório Palamás, esta no coração de meu coração, ele é o dom que o Monte Athos fez a Deus.

Como discernir a vontade de Deus?

Se um pensamento vem de Deus, ele é uma luz no coração, ele nos torna mais humildes e nos faz progredir no amor. Se este pensamento, ao contrário, nos torna satisfeitos conosco mesmo e nos leva a julgar os outros, isto vem do inimigo. Se há uma grande paz em ti e um amor por todos os homens, o Espírito Santo habita em ti. O inimigo detesta a **Hesychia**; também não te admires se esta paz te chega no meio das tribulações e das dificuldades. Mas então é que compreenderás a palavra de São Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?”

O Cristo disse que ele não tinha pedra onde repousar sua cabeça.

Será que o Monte Athos não pode tornar-se um lugar onde o monge repouse sua cabeça?

Para mim, o Monte Athos é como uma girândola, um elevador. Eu não me detenho no elevador: eu estou aqui apenas para ir para o céu. Eu não durmo no elevador, eu me lembro daquele que me espera à porta.

Sobre o Monge e o fim da vida monástica

“Do momento em que ressuscitaste com o Cristo, procurai as coisas do alto, lá onde se encontra com o Cristo, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, não nas da terra. Pois estais mortos, e vossa vida está escondida com o Cristo aparecer, ele que ; e vossa vida, então vós também aparecereis com ele cheio de glória” (Col. 3,1-4)

São Paulo descreve bem aí o paradoxo de nossa condição. Nos estamos mortos, nós não existimos mais para o mundo, nosso homem velho foi crucificado, renunciamos aos desejos, ao orgulho, ao ódio e nos tornamos pouco a pouco participantes da vida daquele que ressuscitou. Vivemos com ele voltados para o Pai no Espírito Santo. Tal é a vida do cristão e a vida do monge.

O monge é um cristão

O monge é um cristão que quer viver ao máximo as exigências e a vocação do seu batismo. Como todos os cristão, ele deve tornar-se um outro Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. é o Espírito Santo, o Reino de Deus, que é o objeto de nosso desejo. Todos nós temos que nos deixar transforma por Ele para sermos recriados à imagem e semelhança de Deus. Somos todos pecadores chamados a se tornarem santos. Todos fomos tirados do nada para participar da vida d’Aquele que é.

O monge, mais que os outros é consciente do caminho que os conduzirá das trevas à luz, e este caminho é Jesus Cristo.

O monge só tem um desejo, renunciar a si mesmo e seguir Jesus Cristo onde quer que Ele vá...e Ele vai para o Pai. Ele vai para a ressurreição através do sofrimento, da morte, do abandono da Cruz. Mas nós não temos medo porque o Espírito Santo, desde Pentecostes, está conosco. Ele nos dá a força e a humildade de Jesus, e o amor que Ele derrama em nossos corações nos cumula de alegria, mesmo se, às vezes, é preciso sofrer muito e atravessar todas as espécies de tribulação.

Se aprende marcenaria, é para se tornar marceneiro. Se tu estudas o Evangelho e não o colocas em prática, para que?

Se aprende a marcenaria não é para se tornar ferreiro. Se estudas o Evangelho, a Bíblia, a vida dos santos, não é para viver como o mundo, mas para viver com o Cristo.

Nosso pai São Basílio tem ainda uma outra imagem: “Quando um ferreiro tem de fazer um machado, ele pensa primeiro naquele que lhe confiou a execução e conserva presente sua lembrança no espírito. Reflete em seguida no tamanho e na forma do objeto e executa seu trabalho segundo a vontade daquele que lho encomendou, pois, se ele perde de vista tudo isto, fará outra coisa do que se lhe ordenou ou fará diferente”.

Acontece o mesmo com o cristão, quando ele orienta toda a sua atividade, qualquer que ela seja, para o cumprimento da vontade de Deus, para o nosso fim, igual para todos, que é a divinização. Fazendo todos os seus atos com perfeição, ele permanece fiel ao pensamento daquele que ordena; ele realiza estas palavras: “tenho sempre o Senhor diante de mim, pois Ele está à minha direita a fim de que eu não seja abalado”(Sl 16,8) e ele observa o preceito: “Quer comais, quer bebais, fazei tudo para a glória de Deus” (I Cor 10,31).

Nós seremos deificados

Somos hóspedes de passagem, “nossa vida está nos céus”(Fl 3,20), então como podes tu cuidar das coisas da terra e ter preocupações mundanas? Onde está o teu tesouro, aí estará o também o teu

coração”- “Se alguém vem a mim, e não odeia o seu pai e sua mãe, a sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, sua própria vida, ele não pode ser seu discípulo”(Lc 14,26). O Cristo não quer que paremos no caminho de passagem, ele não quer que nos tornemos escravos do que quer que seja e ele quer que estejamos livres das afeições mais profundas e as mais legítimas, para um amor maior.

Que pode haver de maior: somos chamados a nos tornarmos Deus? A nos tornarmos, pela graça, o que Ele é por natureza? A divinização do homem é o fim. “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus”.

O fim da vida monástica é tornar o coração puro, dócil à vontade de Deus: aí está a liberdade dos filhos de Deus. Enquanto estivermos no pecado, não somos livres. É preciso renunciar em nós a tudo o que não é divino e seremos homens. Rejeitar a mentira, a hipocrisia, o orgulho, o ódio. Deixa viver em ti o Espírito de Jesus e encontrarás tua verdadeira identidade.

É na observância dos mandamentos do Senhor que se encontra o fim de nossa vida. “Amar a Deus, amar nosso próximo”. Se vivemos isto de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo nosso espírito, seremos deificados, seremos semelhantes ao Cristo. Deus é Amor, Deus é Luz. O homem criado à sua imagem deve tornar-se todo inteiro amor, todo inteiro luz.

Os sacramentos nos comunicam a vida de Deus e as obras da vida monástica não tem outro fim do que nos tornarmos sempre mais acolhedores do dom de Deus. O monge deve deixar tudo o que não é amor, tudo o que não é luz. Isto, é renunciar ao mundo. Que não haja mais em nós lugar para a vaidade, a ambição, o ciúme e Satanás não terá mais trono, não terá mais lugar em nós para estender o seu reino.

A regra do monge é o Sermão da Montanha. O Espírito Santo nos dispõe a vivermos as bem-aventuranças. Procurar viver estas bem-aventuranças, é tornar, pouco a pouco a forma de Deus e a forma do Servidor, é tornar-se uma outra face do Filho no qual o Pai põe toda sua complacência.

Permaneço no meu amor

“Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”. Adquirir a doçura e a humildade do Cristo, tal é nosso fim. A doçura e a humildade nos conduzem ao coração do Cristo na Trindade. Aí está a ciência divina que ele nos veio ensinar. O monge esquece todas as outras ciências para adquirir esta. É assim que ele espera adquirir a sabedoria de seu Mestre.

O que quer que tu faças, não esqueças que estás na presença de Deus. Examina teus pensamentos, vigia tuas ações. É preciso pensar com Ele, amar com Ele. O monge é aquele que jamais está sem Deus. Seu coração é habitado pelo Nome de Jesus e ele procura realizar o mandamento: “Permaneço no meu amor”.

Tudo o que se faz sem amor não serve para nada. Podes jejuar, fazer vigília, usar cilício; se não tens em ti o amor de Deus, isto não serve para nada. Não é assim que receberás a herança e te tornarás filho de fora. **Renunciar a si mesmo eis uma tarefa difícil.** Não mais admitir pensamentos e preocupações mundanas, isto não é possível sem a Assistência do Espírito Santo que torna o coração do monge puro e livre para Deus.

Na Fé

Todos os Trabalhos da vida monástica não tem outro escopo do que nos divinizar.

Como adquirir a humildade e o amor de Cristo? Este é o problema que o jovem que entra em nosso mosteiro terá para desenvolver durante toda a sua vida. O que nos diviniza, antes de tudo, é a fé, a esperança e a caridade.

A fé cura nossa inteligência; ela lhe revela Ser que ela procura nas cisas fragmentárias. A fé é a visão do Criador; e, eis-nos livres da fascinação das criaturas. A fé nos ensina a pensar como Deus, a ver todas as coisas em sua luz. Ela diviniza, verdadeiramente a nossa inteligência.

“Aquele que crê tem a vida eterna”, diz o Senhor. Aquele que crê no amor de deus, como sua visão do mundo e de si mesmo não mudaria? Na fé, tudo lhe aparece transfigurado, tudo é sinal de sua presença, os acontecimentos agradáveis. E é somente na fé que se pode perceber o sentido profundo, perceber o desígnio de Deus que, através da prova nos diviniza. A fé nos prepara para a feliz visão de deus, mas já, desde aqui em baixo, ela nos abre o céu e nele podemos louvar o Pai, o Filho e o Espírito Santo e confessar Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

“Lembra-te de Jesus Cristo ressuscitado”. O monge não se lembra nem de sua família, nem do mundo, nem de seu passado. Ele não lembra senão do Senhor. Ele estava morto. Ele ressuscitou. o monge não procura realizar um equilíbrio psicossomático segundo uma sabedoria humana. Ele não aprende também a encarar a morte como Sócrates e os filósofos. não, ele quer participar da vida do ressuscitado. O monge quer ser um ressuscitado com o Cristo e só pelo Espírito Santo ele pode participar da vida do Ressuscitado. eis porque ele súplica sem cessar ao Pai conceder-lhe e conceder a todos os homens o que ele prometeu.

Encontrar a unidade

O monge não procura se especializar no que quer que seja. No mosteiro ele terá de mudar, muitas vezes, de ofício. Sua obra, é a oração contínua. o que quer que seja que ele faça, ele deve tudo “salgar” pela oração e tudo se lhe tornará como a leitura em sua cela.

O monge procura em tudo a unidade, com os outros e em si mesmo. Seu coração, sua alma, seu espírito, suas pulsações, tudo deve ser unificado no amor de deus. Aquele que cumpre o mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças” está curado de suas divisões internas; ele encontra a unidade à imagem de Deus Uno. Ele pode então tornar-se um artesão da paz e pregar aos outros do desejo do Senhor: “Que todos sejam um”.

Somos uma multidão de pessoas, trazemos sobre nossa face uma multidão de máscaras. A vida monástica simplifica. Se ele não nos torna mais simples, é preciso fugir, porque então não estaríamos mais consagrados a procura do único necessário. Todo o nosso ser não estaria mais unificado, simplificado por ele.

Desde que haja em ti outros desejos a não ser o de deus e o de segui-lo, segundo a sua vontade, tu perdes a paz. A vida monástica nos liberta dos desejos. “Sem desejos sobre a terra”, atingiríamos a bem-aventurada **hesychia**.

Conhece-se o Evangelho e os Padres da Igreja muito mais intelectualmente; não se pode compreender senão pela vida, pela experiência este Evangelho. Precisamos viver o que viveram os Apóstolos e os Padres. É preciso estar cheio do Espírito Santo como eles para compreender alguma coisa do cristianismo. A experiência cristã é o seguimento do Cristo, viver sua morte e sua ressurreição em nossa própria carne.

A humildade e a glória de Cristo é o mesmo mistério e é toda a vida do monge Pela humildade, adquirir o Espírito Santo; pela cruz, entrar na Ressurreição. É isto seguir o Cristo.

A verdadeira esperança

O monge deve tomar cuidado para não retornar ao Egito e não ser como a porca da qual fala São Pedro: após haver se lavado, ela voltou ao seu vômito.

É uma grande graça quando o Senhor purifica nossa memória e que não nos lembramos mais de nossa vida passada, nem de nossos parentes nem de nossos amigos. Desde à mulher de Lóth até esta palavra do Evangelho: “Infeliz daquele que olha para traz”, Deus mostra que ele caminha à nossa frente. É preciso somente nos lembrarmos de nosso pecado e de sua misericórdia, isto é, de sua cruz e de sua Ressurreição. Quantos monges, após numerosos anos de vida monástica, se deleitam ainda com as suas lembranças de sua juventude.

Que purifique nossa memória a fim de que estejamos totalmente voltados para ele, e conheceremos a verdadeira esperança. Ela não procura apoio nem nos conhecimentos dos homens nem em suas amizades: a verdadeira esperança só conta com a misericórdia de Deus e, tu o sabes, não é senão pela misericórdia de deus que seremos salvos.

A Igreja, lugar do amor e da fé

Não há vida monástica fora da Igreja. A Igreja é o lugar da divinização do homem. Se queres ser fazer um só com Deus, não vás a outro lugar. O zen, a ioga, todas estas coisas só podem fortificar o velho homem em ti, mas não podem fazer nascer o homem novo. Hoje, toma-se muito o equilíbrio psíquico como forma de santidade. A graça não contradiz a natureza, é verdade, mas eu conheço homens cujo equilíbrio psíquico era duvidoso, e que tinham em si um real desejo de deus, um autêntico amor ao próximo.

A Igreja não é uma **Igreja de Perfeitos**, mas de homens que esperam sua salvação, não de seus próprios esforços ou de suas técnicas miraculosas, mas da misericórdia de um Outro.

É o amor de Deus que nos salva e nos deifica. A Igreja é o lugar onde este amor nos é comunicado. Por que procurar em outras partes? Mas os orgulhosos não amam a Igreja. É preciso ser humilde, é preciso ser criança para aceitar que Deus passe pelos sacramentos, por estes pobres sinais sensíveis, e pelos homens, estes pobres homens que, muitas vezes não estão à altura dos mistérios que eles celebram e da palavra que anunciam.

A Igreja é a carne de Jesus Cristo, e os orgulhosos recusam sempre a Encarnação. Apenas o ladrão reconheceu neste Homem crucificado ao seu lado o Senhor da Glória. É preciso olhar a Igreja com os olhos da fé para discernir nela a comunicação do Espírito e o reino que vem. Se o monge não tivesse o olhar da fé, ele seria como um ateu que não vê nela senão pompas inúteis, hipocrisia e escândalos.

A Igreja é também a Igreja dos santos. Os afrescos, a iconostase, estão ali para nos lembrar a sua presença. A Igreja do céu e a Igreja da terra não estão separadas. Há uma só Igreja. Quando o monge vê sua mediocridade e sua impotência, então ela olha para os santos e, com seu auxílio, ele não desespera.

Sobre a Oração

“Para orar a Deus, tu não tens necessidades de nada:
onde quer que tu o invoques, ele te ouve.
Ele não tem, efetivamente, ocupação alguma, nenhum intermediário,
nenhum servo que venha se interpor entre nós.
Dize: Tende piedade de mim! E logo Deus estará aí.

Ele não espera o fim de tua oração:
tu recebes o dom antes mesmo de haver terminado de orar”.

São João Crisóstomo

O primeiro mandamento é “Escuta, Israel”. “O Senhor teu Deus é o Único Senhor”, ‘Escuta’. Deus nos pede para escutar.

A Oração, antes de ser uma palavra que vem de nós, deve ser uma escuta. O médico psiquiatra me disse um dia: “Quando um doente começa a me escutar ou a escutar, verdadeiramente os outros, para recebê-los, para acolhê-los, então ele está curado”. Se tu escutas Deus, se tua acolhes verdadeiramente à sua Palavra, se prendes verdadeiramente à sua Palavra, então tu estás curado, estás salvo. Tu te tornaste uma Mãe de Deus. Como Maria que “meditava todas estas coisas em seu coração”.

Orar com um coração puro

Perguntaram um dia ao abade Agatão: “De todas as práticas, qual a que pede mais trabalho?” Ele respondeu: “Perdoai-me, eu penso que não há maior trabalho do que orar a Deus. Desde que o homem quer orar, os demônios tentam impedi-lo; eles sabem, que não há maior obstáculo para eles do que a oração”. Realmente, num coração que reza, como a mentira, a vaidade poderiam penetrar? O ódio não tem mais caminho para entrar no mundo e semear a guerra e a discórdia.

Se vendemos nossos bens, foi para adquirir uma pérola preciosa. Se não nos casamos, se renunciamos às nossas riquezas e as nossa vontade própria, foi para adquirir a oração contínua. Se nos libertamos de todos os cuidados do mundo, foi para podermos orar a Deus com um coração puro. Assim, a oração deve ser a única ocupação do monge.

Orar sem cessar

Para reduzir a nada toda tentação, não há nada melhor do que o mandamento do Senhor: “Rezai sem cessar”. Para reencontrar nossa liberdade de filho de Deus e nossa primitiva beleza à sua imagem e semelhança, nada melhor que invocar sem cessar seu Nome.

O que quer que façais, na Igreja, em vossa cela ou em vosso trabalho, fazei tudo para a glória de Deus, isto é, com um coração que o ama e que reza. “Fecha tua porta e reza ao Pai em segredo”. Fecha a boca. Lembra-te de Jesus Cristo presente em teu coração, lembra-te de seu Espírito e que o amor te ensine a orar em verdade “Abba”, Pai.

Se conhecesses o dom de Deus, quem é aquele que quer orar em ti... É preciso primeiro habituar teu corpo e teus lábios à oração. Tu podes permanecer de pé diante do ícone de Cristo e da mãe de Deus, fazer as reverências e repetir em voz alta o Nome de Jesus, a invocação do cego e a do publicano. A oração do coração é um dom de Deus, ele te será dada quando Deus quiser. Enquanto esperas, podes te dispor a receber o dom de Deus, oferecer-lhe teu corpo, teus lábios, teu pensamento, e ele fará de ti o templo de seu Espírito.

A qualidade da oração não depende de nós. É obra de Deus. Mas a quantidade depende de nós. Podemos repetir o Nome de Jesus sem nos cansar. Como a viúva importuna, é preciso dizer sem cessar: “tende piedade”, e Deus nos fará misericórdia.

Para que os grandes discurso sobre a oração se tu não comesças desde agora? Só se compreende a oração rezando. Não te preocupes de saber o que é a oração, mas “reza sem cessar”. Quaisquer que sejam as palavras da oração, a liturgia, os salmos, a invocação do Nome, que teu pensamento não se

afaste. Fica colado às palavras; “É vivo Aquele diante de quem tu te manténs”. Vai a um lugar tranqüilo, assenta-te, dirige tua inteligência para o coração, para o que tu sentes ser o mais profundo de ti mesmo e coloca aí o Nome de Jesus.

É difícil, mas se perseverares, Jesus virá verdadeiramente habitar em ti e então poderás voltar para o seu Pai e nosso Pai, sem pensamentos inúteis, e poderás ir para teus irmãos sem palavras vãs.

A oração, é esta arte de amar

“Orar, é dar o sangue de seu coração”, dizia o Staretz Silouane. Somente aqueles que amam muito compreendem esta palavra. É bem assim que é preciso orar porque ‘e assim que Jesus rezou ao Pai antes de entrar em sua Paixão.

Moisés amou seus irmãos até suplicar ser afastado do livro dos vivos no qual ele estava escrito, se o povo não recebesse o perdão de sua falta (Ex 32,32). Paulo desejou ser anátema pelo Cristo, por seus irmãos de raça. Olha os santos e vê que no amor que estão as raízes da oração.

A arte de orar, esta arte de amar da qual nos fala o Evangelho, requer toda a nossa atenção, toda a nossa respiração. Assim aquele que não tiver renunciado totalmente a si mesmo e a seus pequenos desejos não poderá aí chegar. Não é aprendendo a cobrir o instrumento que te tornarás um bom flautista. Se tu queres orar, não faças outra coisa: que teu coração esteja livre de toda preocupação.

A oração do coração “Senhor Jesus, Filho de Deus vivo, tende piedade de mim”, quer dizer: concedei-me, concedei a todos os homens vossa misericórdia. Senhor Jesus, enviai sobre mim vosso Espírito Santo. isto quer dizer também: “Vós estais aí. Eis-me aqui; que a vossa vontade seja feita, eu me abandonarei a vós”.

Silêncio do amor

A oração do coração nos conduz ao silêncio. O que se passa neste silêncio, é desnecessário falar, mas se tu não saís com mais amor pelos irmãos e mais reconhecimento para com Deus, é um silêncio do diabo.

Se quiseres construir um templo, é preciso começar por cavar os fundamentos. O templo, é Deus quem o constrói; cabe a ti cavar os fundamentos. Oferece-lhe muito de teu tempo, de teus lábios e de teu fôlego. É com isto que ele cava em ti o lugar de seu repouso.

A repetição contínua do Nome de Jesus, não é como a recitação contínua de um mantra Hindu. Para ti, o fim não é somente deter todo pensamento, é o encontro com Alguém. O silêncio do hesicasta não encontra o vazio que é a matriz do universo. O silêncio do hesicasta é o silêncio da Bem-Amada que contempla o Bem - Amado. Estas são ainda imagens, me dizes tu, e a realidade está além de todas as imagens. É verdade, mas esta é a linguagem da Bíblia; aqueles que a recusa, em geral, recusam a revelação

O ser infinito, Eterno, Desconhecível, para Além de Tudo, se revelou como Pessoal, e a experiência mística não é mais então fusão, misto de onda e de oceano, mais amor incompreensível, união de libertos. Deus não destruiu o homem e o homem não se desagrega em Deus.

Os Padres tomam muitas vezes, a imagem de uma lâmina de ferro mergulhada no fogo. Pode-se dizer então que o ferro queima e que o fogo é cortante. Eles fazem um só, e, entretanto eles não se confundem quanto à sua natureza. assim é a união do homem e Deus.

Técnicas de oração?

Hoje, fala-se muito de técnicas de oração e se coloca o hesicasmos ou a oração do coração entre elas. Para abraçar qualquer uma, existem muitas técnicas, mas a melhor; e, sem dúvida, esquecer toda técnica e amar verdadeiramente. É porque nos faltam fé e amor que temos necessidade de técnicas em nossas relações com Deus. No hesicasmos, a parte técnica, à medida que progride, tende-se a esquecê-la. Para que repetir o nome de alguém se nós não o amamos? o poder do Nome de Jesus não se fará sensível ao nosso coração, a não ser segundo nossa fé e nosso amor.

Do mesmo modo que não se deve esperar tudo de uma técnica de oração, não se deve também negar o seu valor. Nós não somos puros espíritos e já é obra da misericórdia de Deus, dar-nos os meios de nos unirmos a ele. Para levar os alimentos à boca, tu podes servir de um garfo ou de teus dedos, mas tu não comes os teus dedos. Como o garfo, eles são apenas instrumentos.

Assim, segundo o discernimento de teu pai espiritual, tu podes utilizar uma técnica de oração para levar o Nome de Jesus ao coração de teu ser, mas guarda-te de idolatrar esta técnica e de crer que ela seja eficaz em si mesma. A Eficácia de um pincel, consiste em ser perfeitamente dócil e maleável entre as mãos do artista, mas, por si mesmo, ele não é gênio algum para desenhar tua face.

A Luta Interior e o Discernimento

“Senhor e mestre de minha vida, não me abandones ao espírito de preguiça,
de desencorajamento, de dominação ou de palavras vãs.
Dai-me a graça, a mim que sou vosso servo,
do espírito de integridade e de humildade,
de paciência e de amor. Sim Senhor,
concedi-me ver minhas faltas e não julgar meus irmãos,
Ó Vós que sois bendito pelos séculos dos séculos”.

Santo Ephraim, Syrius

Aqui, em Monte Athos, temos, sem, dúvida, menos ocasião exteriores de pecar e, no entanto, estamos no coração de todas as tentações, tu não imaginas que combate devemos sustentar. O deserto, tu vês na vida de Santo Antão, o grande, é a arena onde o homem se defronta com os demônios e os “assaltos demoníacos deste mundo”. Se ele sai vencedor com a graça de Deus, é o mundo inteiro que é purificado; o monge deve ser um ponto de luz, primícia da nova criação.

Contra os maus pensamentos

Nós temos de lutar, sobretudo, contra /s maus pensamentos; o pecado começa quando consentimos neles. A oração nos ajuda a destruir o mal pela raiz, desde que ele se propõe, de modo, muitas vezes imperceptível, à nossa liberdade. O Nome de Jesus, é o rochedo sobre o qual é preciso esmagar a cabeça dos filhos de Babilônia, isto é, os maus pensamentos, desde que eles apareçam em nosso espírito.

Quando teu espírito e teu coração são mordidos por qualquer pensamento mau e tu sentes já despertar em ti a paixão - o medo ou o desejo -, fuja como os israelitas mordidos no deserto. Olha a serpente de bronze que Moisés levantara sobre a montanha (Nm 21,8), olha Jesus Cristo na cruz e “tu serás curado do veneno das serpentes espirituais, injetado em teu coração”.

Escuta o que ainda diz um de nossos Padres a este respeito: “Quando zombarem de ti, fixa os olhos sobre Ele. Ele também foi desonrado por ti, e foi mesmo tratado de demônio. Se te desprezam, fixa os olhos sobre teu Salvador quando lhe cuspirem no rosto. Se és mordido por um pensamento de

vanglória, lembra-te da palavra: “Quando tiveres feito tudo o que te foi mandado, dize: Somos servo inúteis, fizemos o que devíamos fazer”(Lc 17,10).

Se, de outra parte, és tentado de desporar teu irmão porque ele é fraco e pecador, fixa os olhos sobre Aquele que manifestou mais solicitude pelos pecadores, os publicanos, as prostitutas do que pelos justos que não tem necessidade de conversão. Quando és atormentado pelos desejos da carne ou quando sentes desgosto pelo nosso gênero de vida, fixa os olhos sobre Jesus, o autor e consumidor de nossa fé, Ele que, “tendo-se proposto ao gozo, sofreu a cruz não fazendo caso de ignomínia, e está sentado à direita do trono de Deus”(Hb 12,2). Olha sem cessar a cruz e a glória d’Aquele que habita teu coração, e o veneno das serpentes será impotente, e, até os recônditos mais secretos de tua alma, resplandecerá a luz de teu Deus.

Nosso pensamento é algo de extremamente mutável e é difícil dominá-lo. Evágrio, do Ponto resume os pensamentos maus a oito principais: a gula, a luxúria, a avareza, a tristeza, a cólera a acédia, a vanglória e o orgulho. “Que todos esses pensamentos perturbem ou não nossa alma, isto não depende de nós, mas que ele se demorem nela e movimentam a paixão, isto depende de nós”, diz ele ainda. Examina-te sobre estes oito pontos e vê como estes pensamentos nascem em ti para roubar-te a paz e a lembrança de Deus.

Nossos Padres iam mais longe no conhecimento do homem do que nossos modernos psicólogos. Eles viam a raiz do mal e da doença no consentimento de nossa liberdade aos maus pensamentos.

Sua arte consistia na educação da liberdade do homem. Eles desejavam que os homens tivessem em si “os sentimentos que estavam no Cristo Jesus, eles não perdem tempo em análise de sua infância, mas lhes dizem: Hoje, tu és amado por Deus, tal como és. **Se queres**, podes mudar de vida, tornar-se um homem novo, à imagem e semelhança de teu Criador. Entra na arena de teu coração e aí resiste, sê firme no combate, e terás a paz. Deus está contigo, estás curado de teu mal, não peques mais, do contrário acontecerá o pior”.

“É do coração que procedem os maus desejos, homicídios, adultérios, devassidões, roubos, falsos testemunhos, difamações”; eis aí, segundo o Evangelho, onde se encontra a causa do mal. Não há maior serviço a prestar a humanidade do que esta purificação do coração. É a esperança daquele que combate, é a bem aventurança prometida por Jesus: “Bem - aventureiros os puros de coração, eles verão a Deus”.

Pedir o discernimento

Hoje, se acusa muito os outros do mal que há em si e no mundo. “É o meu passado, dizem uns, os traumas da infância”. É a sociedade, é o ensino que é mau, etc. O monge só acusa a si mesmo. tu és verdadeiramente livre quando te tornas responsável por tudo. Se sabes que há alguma gera em alguma parte, dize: é por causa de minha falta, e luta contra tudo que há de orgulho e de ódio em teu coração. Se sabes que há fome em alguma parte, olha em teu armário todo o pão que tu roubas àquele que tem fome. Quando vês a divisão da Igrejas, dize: a culpa é minha; quando me restar um só mau pensamento contra meu irmão, esta divisão continua.

O orgulho é a coisa mais lamentável; um só pensamento de orgulho e todos os dons que Deus te deu, todos os teus esforços para progredir na virtude de nada servem. Entre ti e Deus, há um que é um ídolo. O homem mais feliz é aquele que não é atormentado mais por nenhum pensamento de orgulho, não há mais separação do eu, “entre ele e Deus, entre ele e os outros. Ele vê”.

Antes de qualquer coisa, pede a deus o discernimento. Ele é agora a origem de todos os bens. Lembra-te da oração de Salomão: ele não pediu nem riquezas, nem grandeza, mas a sabedoria, um coração inteligente para discernir o que é bom, e todo o resto lhe foi dado por acréscimo.

Depois de Pentecostes, a lei de Cristo não consiste mais num código exterior de preceitos. A nova lei é a presença interior do Espírito Santo que transforma nossas corações, dando-lhe o gosto e a vontade de cumprir o que agrada a Deus. Deves então estar atento às inspirações, às vezes, muito sutis do Espírito Santo.

É preciso muito discernimento para reconhecer numa inspiração o que vem de ti e de tua natureza mais o menos sadia, e que podes também vir de Satanás que é hábil em se transformar em seu anjo de luz, e o que vem, realmente, do Espírito santo. é muito importante discernimos a origem das inspirações que recebemos, o que nos motiva em profundidade. Um ato bom pode ser viciado por motivação impura. é preciso ser vigilante, mas sem se entregar muito a introspecção. Sê confiante em Deus, não procura o que é elevado e pede conselho a teu pai espiritual em lugar de torturar teu espírito.

O senhor vem com calma

Se tu rezas com atenção constante e se caminhas na presença de Deus, sentirás como que por intuito, o que está em harmonia o em dissonância com o Espírito de Deus.

Conserva sempre no coração este desejo de realizar o que é conforme o seu coração e Ele te iluminará. “Porventura é da minha vontade a morte do ímpio, diz o Senhor Deus, e não quero antes que ele se retire do seus maus caminhos e viva?”(Ez 18,23).

Meu pai espiritual me tem dito, muitas vezes, que todo pensamento no qual não predominem a calma e a humildade não é de Deus, mas é a manifestação de uma, como se diz, boa inspiração vinda dos espíritos maus. O Senhor vem com calmas, mas tudo o que é do inimigo é acompanhado de perturbação e de agitação e sempre, tu notarás, cuidado de tua própria glória.

Algumas vezes, os lobos rapaces aparecem revestidos de pele de ovelha. Tal ou tal pensamento te parece inofensivo e piedoso; “Por seu fruto, vós o conhecereis”. O fruto do Espírito, é a paz, a humildade, o amor, a confiança. O fruto do inimigo, é a perturbação, a presunção, tu te sentes dividido em ti mesmo e então te sobrevêm este terrível desgosto pela vida, este é o hábito do diabo.

Antes de emprenderes uma ação ou uma obra importante, segundo o conselho do Evangelho, assenta-te e pede ao Senhor seu Espírito, e vê se está em harmonia com sua vontade. Se esta obra não deve contribuir para o teu progresso nele pelo amor, renuncia a ela. É preciso fazer tudo com discernimento. Os Padres dizem que as coisas que ultrapassam a medida vêm do demônio.

II

Sobre o Pai Espiritual e a Obediência

Tu não te vês em teus próprios olhos; tens necessidade para te conhecer, de olhar de um outro. Ninguém é bom juiz em causa própria. Um pai espiritual, é um espelho que Deus nos quer dar para que possamos nos conhecer, é um espelho, cuja palavra é, algumas vezes, dura, mas é para que, vendo nosso pecado, desejemos encontrar a nossa verdadeira face. No dia em que a tiveres encontrado, teu espelho se calará e ambos refletirão o mesmo Sol.

Sem o auxílio de outrem, é bem difícil à nossa vida, ter os discernimentos necessários. O discernimento dos espíritos é um carisma que, geralmente, é concedido só aquele cujo coração está profundamente pacificado.

É difícil encontrar hoje um homem de paz que não ‘e atormentado nem pela ambição, nem pelo desejo de poder, mas somente pela salvação daqueles que se confiaram a ele. Mas ele existe,

procura-o. e se encontrares neste homem compreensão e exigência, dize a ti mesmo que é um pai que Deus te dá para a divinização de tua alma.

Aquele que fazer a vontade própria se desvia. Seguir as inspirações do Espírito é praticamente impossível para quem não tem o coração purificado. Procura alguém que te ajudará a discernir em todas as coisas a vontade de Deus.

Só há um Pai que é Deus

O importante em tuas relações com teu pai espiritual, é que tu possas abrir-lhe teu coração e não esconder-lhe nenhum de teus pensamentos; é a este preço que obterás a libertação. Mas, infeliz deste homem se ele enganar tua confiança e revelar teus segredos.

Só há um pai que é Deus; é pela graça que Deus dá a alguns participar de sua paternidade, isto é, por sua inteligência e seu amor. O pai espiritual é o cooperador de Deus, ele trabalha com o Espírito, ele ama, ele combate e sofre com ele, a fim de que o homem novo seja gerado em ti, não seu filho ou seu discípulo, mas o filho daquele que é o único bom e o discípulo daquele que é o Caminho, a verdade e a Vida.

Quanto maior for o retraimento do pai espiritual, maior sua humildade, mais o Cristo poderá crescer em ti. ‘é preciso que ele cresça e eu diminua’, tal é a regra de todo pai espiritual. Hoje há poucos pais espirituais que podem ser nosso modelo em tudo. foi um velho monge que nos deu este conselho: “Sede como a abelha que suga todas as espécies de flores; ela colhe de cada uma o que é preciso de pólen para fazer se mel. vai a teus pais ou até a teus irmãos - pois somos todos irmãos - e aprende de um a doçura, de outro ainda a humildade, e faze teu mel de todas estas virtudes”.

São Paulo dizia a seus filhos espirituais e as seus discípulos: “Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo”. Imita teu pai espiritual, na medida em que ele imita o Cristo. É uma grande benção encontrar em teu caminho um homem que te ajude a aplainar as veredas do Senhor, a abaixar tudo o que é elevado em ti e cumular tudo o que falta em ti; serás livre dos dois mais terríveis demônios; o orgulho e o desespero. Agradece a Deus se encontrares alguém que venha verdadeiramente o cuidado de tua alma, abre-lhe teu coração e confia-te à sua oração.

Um mau pensamento tido durante o dia perde todo o seu veneno. não escondas nenhum de teus pensamentos a teu pai espiritual e em ti não haverás mais trevas.

O caminho da obediência e da humildade

Só se adquire o discernimento pela humildade e o começo da humildade está em se confiar em tudo no julgamento de um outro. o que nos impede de estarmos unidos a deus, é nossa vontade própria. O caminho da obediência é o mais curto para a união. Ele afasta o principal obstáculo à divinização: a confiança em nós mesmos.

Um pai espiritual não tem necessidade de carismas extraordinários, mas ele precisa de uma infinita paciência e um infinito amor; é nisto que ele se assemelha a Deus. No coração do pai espiritual, a dor e a alegria estão estreitamente unidos: dor da geração (paciência, exortação, misericórdia); alegria também de ver um filho nascer em Deus e de vê-lo crescer para a plena estatura do homem em Cristo.

Nós nos afastamos de Deus pela desobediência; só voltamos a ele pela obediência. Tornar-se obediente, é ser divinizado à imagem do Cristo que se fez obediente até a morte. Dize-te bem que só o cuidado de teu pai espiritual é a tua salvação e tua divinização. É por isto que ele reza ao Pai do céu no segredo; é por isto que ele te exorta, te repreende, te corrige. Quando ele te humilha, dá

graças a Deus, é assim que ele espera tornar-te conforme ao Cristo e fazer-te adquirir a humildade, sem a qual não podes ter parte com o Espírito Santo.

Algumas vezes, um pai espiritual pode pedir ao discípulo de Cristo, alguma coisa de absurdo: por exemplo, irrigar os tijolos para fazê-lo florescer. É para ajudar o discípulo a ultrapassar o estado da simples razão que raciocina e fazê-lo penetrar, pela humildade, na luz de Deus que está além de toda compreensão.

Os verdadeiros discípulos

Os mestres espirituais são raros; ainda mais raros os verdadeiros discípulos. Um homem humilde, onde encontrá-lo? Um homem que não faz a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou? Deus não é um princípio, uma lei abstrata, uma ordem a decifrar. Ele é uma Pessoa. Assim, não é uma lei, a uma regra que devemos obedecer, mas a uma pessoa. Nos mosteiros nós não obedecemos a uma regra em particular, mas ao nosso hígoumène (superior). A obediência se situa no interior de uma relação e, quanto mais se ama, mais fácil se torna a obedecer àquele que nos ordena; é esta nossa maior alegria. Aquele que ama a Deus, ele se lança alegre no caminho de seus mandamentos.

Os fariseus só pensavam na letra dos mandamentos e esqueciam de amar aquele que desejava seu amor mais do que seu sacrifício. Aquele que ama com temor e respeito seu superior, sentirá muita doçura em cumprir o que manda e ficará livre de todo cuidado.

Mais que uma regra, o pai espiritual é a mediação que Deus escolheu para nos fazer conhecer a sua vontade. Mas, que aquele que recebeu o dom e o encargo da paternidade espiritual não se esqueça de ser a encarnação do Evangelho. Se ele deixar de cumprir uma iota, Deus lhe pedirá conta no dia do julgamento e lhe pedirá as almas daqueles que lhe foram confiados.

Há muitos que se vangloriam da santidade de seu pai espiritual, mas não procuram evitá-lo. Há muitos que repetem, sem cessar as palavras de seu pai espiritual mas que procuram pô-las em prática; eles são como os macacos, por seu trejeitos, eles desfiguram a beleza de seu pai.

Nas relações com um pai espiritual há dois perigos: o da idolatria e o da murmuração. Ele é apenas um homem e não um deus, mas é um homem que Deus te deu para a tua santificação. Se murmuras, ou pior, se o julgas, como esperas ser salvo?

Há alguns que mudam muitas vezes de pai espiritual para ter o prazer de contar de novo o que lhes diz respeito e para não ter de obedecer em profundidade. Não esgota por vãs palavras teu pai espiritual, não lhe conte teu passado, teus projetos futuro. Diz-lhe o estado de tua alma agora, porque é agora que ele quer que tu sejas salvo, é agora que tu deves receber a graça do perdão e força do Espírito. Se tu lhe falas do que já passou ou do que não aconteceu ainda, em qual presente poderá ele colocar o dom de Deus?

Se tu não é humilde, não gozarás jamais a doçura da obediência, tu dirás: “Porque fazer isto e não aquilo;” e a perturbação se instalará em ti. Aquele que obedece, o que quer faça, está em paz.

Não obedecer pela metade

Se um ofício te parece muito pesado, fala com teu superior mas não confies em tuas próprias iniciativas. Nossos pais eram intransigentes a este respeito. Aquele que quer ser monge não deve, absolutamente, ter vontade própria, mas somente a vontade de seu Pai, a manifestação de sua filiação divina, perdida outrora, agora encontrada.

Não obedeaças pela metade, tu terás o coração dilacerado. Tem confiança, entrega-te todo inteiro, Deus não pode permanecer insensível à confiança e à humildade, ele te fará superabundar de alegria no meio das tribulações. Se teu superior estiver ausente e não haja no mosteiro uma pessoa que tenha recebido o encargo de governá-lo, faze-te obediente a todos, considerando cada um superior a ti mesmo. pensa naquele que se fez servo de todos e que veio ao mundo não para ser servido mas para servir. sê a imagem do divino Servidor, procura os últimos lugares. “Quem se eleva será abaixado, quem se abaixa será elevado”. Inclina-te diante da vontade de teu irmão e encontrarás a liberdade dos filhos de Deus.

Sem o Espírito Santo não encontrarás alegria alguma na obediência, assim é preciso orar sem cessar para que ele nos dê seu amor, a fim de que seja restabelecida em nós a obediência filial. Eva caiu por haver duvidado da bondade do mandamento de Deus. Quando te ordenarem fazer qualquer coisa, dize-te a ti mesmo que é para o teu bem, para a tua salvação e cumpre teu dever com paz e amor.

Sobre o Silêncio

“Como podeis dizer coisas boas, vós que sois maus? Porque a boca fala da abundância do coração. O homem tira boas coisas do tesouro (**do seu coração**)? E o mau homem tira más coisas do mau tesouro. Ora, eu digo-vos que, de qualquer palavra ociosa que disserem os homens, darão conta dela no dia do juízo. Porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado”(Mt 12,33)

Esta advertência do Salvador me fez, muitas vezes fechar a boca; ela me fez fugir de tudo o que se assemelha à loquacidade e à maledicência. Quando me pedem para falar, peço a Deus que me dê um coração puro a fim de que o Espírito Santo ocupe minha boca.

O hesicasta é um silencioso, e só silêncio e o amor falam sobre Deus. O silêncio é uma condição para orar bem; ele é também o fruto da oração. Quanto mais orares, mas o silêncio se faz em ti. Nossos pais espirituais são grandes silenciosos. De outro modo, como poderiam nos escutar, quando lhes contamos nossas misérias? O silêncio de nosso pai espiritual, é o silêncio e o ouvido de Deus que nos escuta.

Há silêncios de morte, há silêncios de vergonha. Ora, nós “acreditamos, eis porque falamos”. O silêncio do hesicasta só tem valor por causa do amor que nele habita.” Falar por Deus é bom, calar-se por Deus também é bom”. Bem poucos têm gozado o verdadeiro silêncio sem o qual não há união com Deus. Aquele que o goza procura-o sem cessar. Deus sabe quanto as palavras vãs e divagações do espírito nos afastam de sua presença.

Há os que observam o silêncio dos lábios, mas se eles se deixam arrastar por sua imaginação e se, em seu coração, condenam seus irmãos, para que serve? Ao contrário, há os que falam de manhã à tarde, mas conservam seu coração em silêncio diante de Deus. Eles falam para serem úteis ao próximo. O amor e a renúncia à vontade própria os guardam na paz.

Se tu procuras o silêncio, não nos faça longos discursos sobre a beleza e sua utilidade. Não há necessidade de ir para o deserto, basta calar-se. Se tiras de tua boca toda palavra ociosa, todo julgamento sobre teus irmãos; se não falas do que ignoras, serás logo um silencioso.

Manter seu espírito silencioso

Se um homem não comete falta por palavras, é um homem perfeito, diz São Tiago. Ele mostra também que dificuldades temos em domar nossa língua. “é o flágelo sem repouso, ele é cheia de um

veneno mortal; por ela bendizemos o Senhor e Pai, e por ela, amaldiçoamos os homens feitos à imagem de Deus”.

O monge, não somente deve calar sua língua, mas também manter seu espírito silencioso, isto é, não julgar, então a paz virá até seus membros e ele conhecerá um silêncio ainda mais elevado, porque não será somente ausência de palavras, de pensamentos e de julgamentos: ele será presença de Deus.

Todos os exercícios do monge o conduzem a um mais profundo silêncio: silêncio dos lábios, silêncio do espírito, silêncio do coração. Cada um destes silêncios pede um domínio particular. O silêncio dos lábios depende de nossa vontade, o silêncio do espírito depende de nossa atenção na oração, o silêncio do coração é um dom da graça.

Maria era um ser de silêncio; nela, o Verbo se encarnou. Se queres que o Cristo viva em ti, procura o lugar de seu repouso, falando de outro modo, mantêm-te em silêncio.

Ouvir o silêncio de Jesus

A palavra saiu do silêncio e ela voltou ao silêncio, Se falamos e se nossa palavra vem do silêncio de Deus, então conduziremos os homens para este mesmo silêncio. Alguns ouviram as palavras de Jesus. Bem poucos ouviram seu silêncio. escuta. Guarda o silêncio e o silêncio te guardará junto de Deus.

O monge não ama a solidão e o silêncio por eles mesmos, mas por causa de Deus que aí se encontra. os loquazes não herdarão o Reino de Deus. Como poderão ouvir o apelo daquele que quer conduzi-los ao deserto e, no silêncio, falar-lhes ao coração?

Diádoco de Fótice tem uma bela imagem para nos mostrar como guardar o silêncio é uma coisa importante, que nos conduz à união com Deus: “Se abre a porta de um banheiro, ele perde logo o seu calor: assim quando uma alma quer falar muito, embora ela só fala o que é bom, ela dissipa logo sua memória e perde a lembrança de Deus, ela se evapora por fora, por esta porta de onde saem tantas palavras”. o silêncio é o pai de todos bons pensamentos.

Calar-se antes de falar

Jesus, antes de falar, ficou calado durante trinta anos, e quando nos falou ele disse apenas breves palavras. Não se encontra nele nenhum discurso e ele não expõe nenhum sistema filosófico. sua palavra vem do silêncio e ela é inspirada pelo amor; assim todas suas palavras são palavras de salvação.

Hoje, antes de enviá-los a pregar, deverse-ia ensinar os pregadores a se calarem, isto lhes evitariam ser címbalos que tinem. calar-se é o começo da atenção. Os silenciosos são grandes atentos, é assim que eles jamais se afastam de Deus.

Não sejas apressado em falar aos outros sob pretexto de edificá-los por boas palavras. Lembra-te do abade Pambo a que pediram dirigir uma palavra ao Patriarca de Alexandria para seu proveito. O ancião respondeu: “Se ele não tira proveito de meu silêncio, não tirará também nenhum de minhas palavras”.

É uma regra geral para o monge a de não sair do silêncio senão quando lhe mandarem, ou quando a palavra está nele como um fogo que ele não pode conter. Certamente, é preciso discernir se este fogo é aquele que levava Jeremias a profetizar ou o fogo das paixões e da intemperança.

Que teu silêncio não seja um obstáculo à caridade para com o próximo. Tem discernimento, mostre-lhe uma face feliz, sê uma palavra amável. Muitos pela palavra, procuram sua própria glória. se tu te calas, serás contado por nada. Um coração silencioso é uma boca fechada, é o dom que Deus te propõe a fim de adquirires a humildade. A palavra foi criada no tempo. O silêncio, pertence à eternidade. Ama o silêncio; por ele, tu já entras no mundo vindouro.

Sobre o Trabalho

É preciso amar a Deus de todo seu coração, de toda sua alma, mas também de todo seu corpo. O corpo também tem direito à iluminação do amor. Amarás a Deus de todo teu corpo, pelo jejum, as vigílias, as inclinações profundas, mais ainda pelo trabalho manual que livrará de muitas ilusões e te conservará no equilíbrio e na humildade.

“Noite e dia, trabalhamos para não ser pesados a ninguém”, diz o Apóstolo (2Tm 2,9) e estas mãos proveram as minhas necessidades e a dos meus companheiros” (At 20,34). Antes de te ocupar da ascese, cuida bem de realizar teu trabalho, é uma questão de justiça. As pessoas que vivem no mundo se cansam e se fadigam para, com o fruto de seu trabalho, alimentar esposa, filhos, pagar os impostos, fazer donativos aos pobres e a Igreja, e nós, sob pretexto de oração, permanecemos aqui, imóveis e preguiçosos! Fica sabendo, um trabalho bem feito na obediência, sem o incentivo do lucro, excluindo toda agitação e todo ativismo, não nos separa da oração, bem ao contrário; nosso corpo estando ocupado nestas humildes tarefas, o coração se encontra como que liberado e mais atento à presença de Deus

Os monges do Egito mediam a intensidade da vida interior dos noviços e seu progresso na paciência e na humildade pela aplicação ao trabalho. É uma tradição nos mosteiros, trabalhar, não somente para a nossa subsistência, mas também para alimentar os peregrinos e hóspedes de passagem. Devemos trabalhar para socorrer os pobres. Quando teu trabalho te parece, particularmente penoso, e que o sol queima teus ombros, pensa no dia do juízo:” Eu tive fome e vós me destes de comer”.

A ascese do trabalho

O trabalho, eis tua ascese. Procura o que há de mais penoso, o que os irmãos rejeitam. É aí que o Espírito virá te visitar e colocar em teu coração os tesouros do amor e da humildade.

Não escolhas teu trabalho, faze o que te mandam e encontrarás a paz. Se te mandarem escolher, escolhe o que te conservará na humildade; de outro modo, por causa de tua vaidade, o trabalho te afastará de Deus. Inútil falar de ascese, de espiritualidade, de amor e de humildade quando não se trabalha; como diz São João, “não amemos por palavras, mas com atos, verdadeiramente”.

Muitos monges se perderam por causa de sua ociosidade. o melhor remédio contra os maus pensamentos e divagações da imaginação, é um trabalho humildade e fatigante para o corpo.

Por que tu trabalhas?

Não olha se fazes teu trabalho melhor que teus irmãos. Por que tu trabalhas? Para tua própria glória ou por amor a Deus? Faze teu trabalho o melhor que podes, sem preocupação do resultado. “Que tua mão esquerda ignore o que faz tua direita”; sobretudo, não esperes cumprimentos. lembra-te da palavra do Senhor; nossa serviço é inútil, ele só tem valor pelo amor que temos a Deus e a nossos irmãos.

Um trabalho desinteressado, feito com calma e por amor, é mais agradável a Deus que todas as proezas ascéticas. Podes jejuar e fazer vigílias. Mas se tu és pesado a teus irmãos, para que serve? É uma questão de realismo e de bom senso.

Não é nem o incentivo do lucro, nem o sucesso que devem motivar teu trabalho, assim tu procuras a ti mesmo. Põe-te em guarda, a fim de que “os cuidados da vida ”não se apoderem de tua alma por causa de teu trabalho. Se tu o fazes com um coração desinteressado e teu espírito se lembra da morte próxima, os cuidados não terão sobre ti nenhum império.

Muitos poucos monges podem entregar-se ao trabalho intelectual e conservar seu coração voltado para Deus. Se te for pedido um tal trabalho e tu permaneceres grudado em tua mesa de estudo e em teus livros, encontrarás a abjeção de Cristo, tanto quanto outro trabalho, mas terás um duro combate a sustentar a fim de conservares a humildade e não cair na ilusão de crer que é por teus conhecimentos que serás salvo.

III

Sobre o Jejum, as Vigílias e as Inclinações

O Espírito conduziu Jesus ao deserto e ele jejuou quarenta dias e quarenta noites. (cf. Mt 4, 1-2) Se é o mesmo espírito que te anima, não te admires se sentes em ti o desejo de jejuar e de fazer penitência. Os jejuns e as vigílias tem por fim tornar tua alma humildade. Tomas assim melhor consciência de teus limites e sofres com aqueles que morrem de fome e não dormem mais à noite.

O verdadeiro jejum, é quando tu esqueces de comer, quando permaneces absorvido e saciado de Deus. Mas, se tu pensas, sem cessar, nos alimentos dos quais te privas, teu jejum não é de utilidade alguma para a purificação de teu coração e de teu intelecto.

“Quando o Esposo vos for tirado, então jejuareis”. quando perderes o senso e o gosto da presença de Deus, quando te sentes atormentado pelas paixões e os pensamentos, quando o Esposo se afasta, então, jejuar e, pela oração, volta para ele.

A sobriedade no alimento ajuda o monge a se despojar de seu “eu” carnal. É uma condição da transfiguração de seu corpo pelo Espírito Santo. Que se dê a cada segundo suas necessidades, “não vos preocupeis com o que comereis e bebereis”; tal poderia ser nossa regra pois “o Reino de Deus não é comida, nem bebida”. “Se teu corpo é fraco, diz São Barsanúfo, faze o possível para subtrair um pouco de tua alimentação e igualmente de tua bebida. Deus, com efeito, acolheu o óbolo da viúva e se rejubilou mais com ele do que com as outras ofertas”.(Mc 12,42) Fica um pouco com fome, dizem ainda os Padres; o importante é que, após a refeição, tenhas sempre o mesmo desejo de orar. Que teu coração não fique pesado, que tua carne se torne espiritual.

Se tu fazes de teus jejuns uma ocasião de orgulho, se te comparas aos outros, tu te afasta do Cristo. Em matéria de jejum e de vigília, o importante é o discernimento e não fazer sua própria vontade. Nós não devemos fazer o que nos agrada, pois o Cristo não procurou o que lhe agradava. “Quer comais ou bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”(I Cor 10,31).

Se tu queres vigiar à noite

Fazer vigília é uma grande graça que Deus concede a alguns. No silêncio e no recolhimento da noite, eles esquecem tudo; para eles, não há mais tempo, eles são transportados em Deus, e sua oração é uma coluna que sustenta o mundo. Vigiar sem a graça, é particularmente penoso, mas é preciso preservar e pedir a Deus sua força.

Nosso Senhor se isolou muitas vezes à noite, num lugar afastado. Os santos seguiram seu exemplo e, é muitas vezes `noite, no silêncio, longe de tudo, que se beneficiaram com revelações e ensinamentos para a conduta que deveriam seguir durante o dia.

“Em meio à noite levanto-me para vos louvar, pelos vossos decretos cheios de justiça”(Sl 118,62); e nós também, levantemo-nos muito cedo cada manhã. É preciso vencer o sono do mundo tornamo-nos despertados.

Se tu velas à noite e dorme todo dia, isto não te será de nenhum proveito; é melhor para ti seguir a natureza. Deus criou a noite para o repouso e o dia para o trabalho. A vida dos santos ultrapassa a natureza, é preciso que uma graça se una à nossa natureza fraca e impotente para vigiar cada noite. Se Deus te recusa esta graça, é sem dúvida, porque tu farias dela ocasião de orgulho; vale mais levar uma vida comum com humildade do que realizar grandes prodígios sem humildade.

Os santos se velavam à noite, não era por ascese ou para fazer sua vontade própria, mas o amor os impedia de dormir. A presença do Bem-Amado era uma brisa ligeira que levantava, sem cessar, as pálpebras de seu espírito e de seu coração. É difícil dormir numa quarto cheio de luz. Eis porque o coração dos santos não conhece o sono.

Se queres vigiar à noite, canta os salmos, honra os ícones, faz numerosas inclinações. O demônio te induzirá, sem dúvida a ir dormir, dizendo-te que no dia seguinte ficarás triste e não farás bem o teu trabalho. Tu deves, com a graça de Deus, mostrar-lhe o contrário. Se é impossível, então é sinal de que vale mais te deitar; mas em tudo isto, abstem-te de fazer tua vontade própria e entrega-te ao discernimento de teu superior.

As inclinações e os gestos de oração

“Vigiai e orai para não entrardes em tentação”. As inclinações nos ajudam a vigiar e a orar. Nosso corpo deve participar também da adoração. As inclinações impedem nosso corpo de engordar. As atitudes tradicionais da oração cristã são diferentes dos exercícios físicos que se pode encontrar nas outras religiões. Uma inclinação, na qual se coloca todo seu amor e seu respeito, nos aproxima mais de Deus e nos adquire a vantagem da humildade que uma hora passada na posição de **lótus**.

Mantém-te de pé em lembrança da manhã de Páscoa. Levanta as mãos para Deus em sacrifício de louvor. Prostra-te na poeira e lembra-te de teu pecado. Ajoelha-te e adora aquele que é Deus, acima de tudo. Uma genuflexão feita com amor te ensinará mais coisas que um livro. assenta-te sobre uma pedra, fecha os olhos ou dirige-o para teu coração e lembra-te d’Aquele do qual és templo. Prostrado, assentado ou de pé, “É vivo, Aquele diante de quem tu te manténs”, anda em sua presença, sê como o vigia que espera a aurora.

O Dom das Lágrimas

“O que é a pureza do coração? Em poucas palavras é a misericórdia do coração em relação ao universo inteiro. E o que é misericórdia do coração? É a chama que o abrasa por toda criação, pelos homens, pelos pássaros, pelos animais, pelos demônios, por todo ser criado. Quando ele pensa neles ou os olha, o homem sente seus olhos encherem-se de lágrimas de uma profunda, de uma intensa piedade que lhe aperta o coração e o torna incapaz de tolerar, de ouvir, de ver o menor mal ou a menor aflição sofridos por uma criatura. eis porque a oração acompanhada de lágrimas se estende a toda hora, tanto sobre os seres desprovidos de palavras, como sobre os inimigos da verdade ou sobre aqueles que o prejudicam, a fim de que eles sejam guardados e purificados. Uma compaixão imensa e sem limites nasce no coração do homem e o assemelha a Deus”.

Santo Isaac

Só podemos amar no presente. Se tu dizes: “eu amei ou amarei”, neste momento tu não amas, Deus está ausente de tua alma. Tu só tens p presente para amar a Deus, este trabalho neste mosteiro, com

estes irmãos. O inimigo te sopra ao ouvido que, se as condições fossem melhores, se não houvesse tal ou tal irmão, etc., tu amarias mais. É assim que ele te rouba o presente, a realidade que Deus te dá para render-lhe graças e fazer crescer em ti o amor.

As lágrimas te ajudarão a voltar ao presente, em sua presença. “O sacrifício que agrada a Deus é um espírito abatido”. Deus procura tuas lágrimas, ele quer misturar nelas sua água viva. Aos sua traição, Jesus não pede contas a Pedro. ele diz simplesmente :”Tu me amas?” Se tu ouves estas palavras e te lembras de teus pecados, a fonte das lágrimas brotará em ti.

As lágrimas são um dom de Deus para purificar o coração; estas são as águas vivificantes da humildade. Não se deve confundir com as lágrimas que vêm de nossa sensibilidade ou da tristeza má segundo o mundo. As pessoas do mundo choram porque lhes roubaram tal ou tal coisa precíval ou porque seus projetos não se realizam. O monge chora porque perdeu o espírito Santo por causa de sua negligência e de seu pecado.

Ele chora também porque vê quanto o Senhor ama os homens e quanto os homens são duros, infelizes e sem amor por ele e pelo próximo. É preciso orar para receber o dom das lágrimas. Que Deus nos livre da dureza de coração; que a humildade e o amor de Crist/ mudem nossos olhos de pedra em fontes de águas vivas.

Não chores diante dos homens mas, no segredo de tua cela, derrama as lágrimas por todos aqueles que confiarem em tua oração. Deus é Pai, mas não há mais Mãe do que Ele, diz um Padre da Igreja. Mais que as palavras, são as lágrimas que ele escuta e compreende. o Cristo chorou sobre Jerusalém. Se seu coração habita em ti, derramarás lágrimas por todos os homens, A oração verdadeira é aquela em que se ignora que se reza. Do mesmo modo, as lágrimas verdadeiras são aquelas que se derrama para além de toda consciência, quando a doçura e a majestade de Deus nos tomam de todas os lados.

As lágrimas espirituais destroem os pensamentos terrestres, elas preparam o coração para a visão As lágrimas têm poder de renovar a graça que recebeste no batismo. “Ó, felizes lágrimas, novo batismo da alma”, dizia João Clímaco. As lágrimas que o Espírito Santo dá, são silenciosas; elas correm dos olhos, sem dificuldade e sem barulho. É verdadeiramente uma água que pacifica. Quando tu saís da tua cela, ninguém diz que tu choraste, tamanha é a alegria que imunda tua face.

As lágrimas que o Espírito Santo dá, ao contrário das lágrimas comuns, correm sem esforço nem contração dos músculos da face; elas são como o óleo santo que ilumina a face e dá aos olhos uma claridade divina. Não há nada mais temível na vida monástica que a dureza e a secura do coração. Assim os monges pedem a Deus o dom das lágrimas a fim de que ele enteneça seus corações. É uma coisa terrível entrar para o mosteiro com um coração de carne e deixá-lo no dia de sua morte com um coração de pedra, endurecido pelo orgulho, os hábitos, a indiferença. Os profetas e os santos pediam, sem cessar, a Deus para mudar seu coração de pedra em coração de carne.

Olha Jesus, e que seu amor pelo Pai e por todos os homens fira teu coração.

Sobre a Humildade

Quando fores convidado para as núpcias, não te coloques no primeiro lugar... “Quem se eleva será abaixado, quem se abaixa será elevado”. Depois de teu batismo, és convidado às núpcias, és chamado a fazer um com Deus. Quanto a atitude que deves ter nesta sala de núpcias, olha bem Jesus Cristo em quem se realiza a perfeita união da humanidade e da divindade, e caminha em suas pegadas.

Ele, o Deus impassível, eterno, assumiu a carne, ele se abaixou, fez-se servo de todos e foi exaltado. Seu Nome está elevado acima de todo nome. Ele ocupou o último lugar, morreu da morte dos

escravos e ressuscitou. Ele não manteve relações com as pessoas que estavam bem; ele comia com os pobres, os pecadores, e se fazia tudo para todos, sem nada esperar em troca.

Se nós nos humilhamos com Ele, com Ele seremos exaltados. Se amamos com Ele, até a morte, com Ele ressuscitaremos. Se queres subir nas alturas, começa por descer. É somente na humilhação que encontrarás a glória que não passa. é somente na morte a ti mesmo que conhecerás a vida eterna, tua vida de ressuscitado. É a humildade que nos inicia no mistério, assim procura-a antes de qualquer coisa; sem este vaso, não poderás recolher a água viva. e festivamente, o Espírito, O Vinho da núpcias, não pode permanecer num homem que não é humilde.

O Abade Antão via todas as tramas do inimigo espalhadas sobre a terra e dizia gemendo: “Quem então aí escapará?” Ele ouviu uma voz responder-lhe: “a humildade”. Nós conhecemos bem esta história; então porque não pedimos a Deus a humildade? Nós pedimos sem cessar as coisas úteis à nossa própria glória...Se Deus não nos amasse, ouviria nossas preces!

A humildade, é a verdade

Pedir a humildade, é pedir ser contado por nada. Aí estamos seguros de ser ouvidos antes mesmo de havermos formulado o pedido, porque este **nada**, é a realidade do que somos. Nós não somos nada e somos amados. Pedir a Deus a humildade é tomar consciência desta realidade, é coincidir de repente com a verdade de seu ser.

Os anjos são mais humildes que os homens porque eles são mais inteligentes. É a contemplação do Ser e da Infinita Beleza de Deus que nos torna humildes. Quanto mais te aproximas de Deus, mais tu descobres teu nada. A humildade, é a verdade; é ser diante de Deus e diante tal qual tu és. A mentira, é o oposto da verdade; é não mais ser o que somos, é deformar em nós a imagem do Criador. A mentira encontra sua raiz no orgulho; nós mentimos por temor de sermos reconhecidos pelo que somos, isto é, fracos, pecadores, incapazes de amar todos os homens. Se tu procuras a verdade, desenraíza em ti todo o orgulho. A humildade é a mãe de todos os bens. Paciência, doçura, domínio de si, confiança nos outros, todos estes frutos do Espírito, dos quais fala São Paulo, germina sobre uma árvore cujas raízes são a humildade.

A humildade e o amor

Tudo o que se diz da caridade, pode-se dizer da humildade: Mesmo se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se eu não tiver a humildade, sou apenas címbalo, trombeta que soa para a minha própria glória. Ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se eu tivesse a plenitude da fé, uma fé capaz de transportar as montanhas, se eu não tiver a humildade, todas essas coisas boas em si mesmas são pervertidas em minha intenção. eu procuro a glória que vem dos homens e não a que vem de Deus só. Mesmo se eu distribuísse todos os meus bens de esmolas, e entregasse meu corpo às chamas, se eu não tiver a humildade, isto de nada me servirá.

Só a humildade e o amor nos aproximam de Deus. Sem o amor e sem a humildade tudo nos separa deles e só serve para fortificar em nós o homem velho. O homem humilde é uma morada do Espírito. O amor reina nele. Ele é longânime, serviçal; ele não é invejoso, ignora o ciúme, não é jactancioso, não faz nada de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não leva em conta o mal; não se rejubila com a injustiça, mas alegra-se com a verdade.

O homem deificado pelo amor humilde tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta; como o Cordeiro inocente, ele não abre a boca quando o conduzem ao matadouro e quando sofre sob os insultos e os ultrajes. O Senhor é sua força. O Pai está sempre com ele, e ele reza pelo perdão e a salvação de seus inimigos.

Agir em segredo

O homem humilde não procura parecer espiritual aos olhos dos outros; ao contrário, fará tudo para ser ignorado, está é a tradição dos loucos de Cristo. Havia no mosteiro um monge que parecia distraído no ofício e que chegava sempre tarde; muitas vezes, nós lhe fizemos observações a este respeito, convidando-o a levantar mais cedo... Depois de sua morte, soubemos que este monge fazia vigílias todas as noites e só se concedia duas horas de repouso. Seu pai espiritual lhe mandara agir assim para conservar a humildade.

A humildade nos livra do cuidado de agradar aos homens ou da vaidade de lhes desagradar. O que é, é. O que não é, não é. Se tu fazes bem, não fala a ninguém. Um pouco de vaidade te faz perder todo o mérito de tuas obras. Não digas nada aos outros de teus jejuns, de tuas vigílias, de teu trabalho. Age em segredo. “Teu pai que vê no segredo te recompensará”.

Guarda-te de apregoar tua justiça (isto é, tuas boas obras, teu estado espiritual ou as graças que Deus te concede) diante dos homens para te fazer notar para eles; isto seria perder toda recompensa junto de teu Pai que está nos céus (Mt 6,1-4). Se fazes todas as coisas em segredo, sem preocupar-te em ser reconhecido, não tardarás a gozar a doçura do amor.

Que tens tu que não recebeste?

Se queres conhecer a Hesyquia que a humildade proporciona, olha teu irmão como mais inteligente que tu e superior em tudo. Como Jesus, coloca-te aos pés de todos; em seguida, atribua a Deus todas as boas obras e tudo o que há de verdadeiro, de bom e de puro em ti. De fato, “que tens tu que não tenhas recebido?” Sem ele nada podemos fazer”.

A humildade é uma grande obra e divina, tu a terás se não prestares atenção às faltas dos outros, mas as tuas sempre. Um homem humilde não confia em seu próprio julgamento; mesmo se ele é muito avançado na vida espiritual, ele pedirá a Deus esclarecê-lo pela boca de seus irmãos antes que por revelação direta.

Neste mundo, não há nada a temer tanto como os bajuladores. Procura antes as pessoas que têm pouca consideração por ti; eles serão muito mais úteis ao progresso de tua alma. Não bajules teus irmãos, tu serás para ele uma ocasião de queda. “O que há de louco no mundo, eis o que Deus escolheu para confundir os sábios; o que há de fraco no mundo, eis o que Deus escolheu para confundir a força; e o que é vil e desprezível ao mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. assim, ninguém se vanglorie diante de Deus”. (1 Cor 1, 27-30)

Os monges devem ser do lado dos loucos, e não dos sábios, do lado do que não é, do que é por contado por nada, antes do lado do que se estima. Infelizmente é muitas vezes o contrário o que acontece; sobe pretexto de que somos monges, esperamos o respeito e as saudações das pessoas nas praças; porque trazemos o hábito, cremos merecer seus préstimos e uma parte de seus bens. Infeliz de nós!

Se não nos humilharmos não veremos a Deus. É somente aos humildes que Deus se revela, pelo Espírito Santo. A humildade é esta luz na qual podemos ver a luz. Se teu olhar encontrou o olhar de Cristo, se o viste no Espírito Santo quanto Ele é manso e humilde, só terás um desejo: adquirir a humildade de Cristo.

Tu dizes: “Minha vida está cheia de sofrimentos”, mas quem és tu para te lamentar? A argila se lamenta de que o oleiro a modelou de tal ou tal modo? Sê humilde e verás que tuas provações se

mudarão em repouso. A lembrança da morte te ajudará a adquirir a humildade. “O que é o homem, Senhor, para que tu te lembres dele?” O homem humilde goza de grande paz; o orgulhoso se atormenta sem cessar. Se tu procuras a **hesyquia**, aprende do Senhor a doçura e a humildade. Há apenas um obstáculo ao amor e a paz, é o apego que tens a ti mesmo, é o orgulho. Assim, pode-se dizer do homem humilde que ele venceu o inimigo.

O Senhor mostrou, certo dia, ao Staretz Silouane como é preciso ser humilde. Ele lhe disse: “Guarda teu espírito no inferno e não desespere”. É preciso descer mais baixo que tudo, e aí esperar na misericórdia de Deus para com todos os homens.

Sobre o Amor ao Próximo

O meio mais seguro de saber como estão nossas relações com Deus, é ver qual é nossa atitude para com nossos irmãos. “Aquele que diz “Eu amo a Deus” que ele não vê, e não ama seu irmão a quem vê, é um mentiroso”. Quando o Espírito de Deus habita em ti, tu és cheio de compaixão por todos. Se sentes movimentos de cólera, de ciúme ou de desprezo, grita logo para o Senhor “Piedade!”, que ele envia logo a teu coração sua misericórdia.

Há muitos que se crêem espirituais, mas basta que um irmão venha perturbá-los, diz uma palavra mais alto, e, eis que não há mais paz neles. Para que servem os êxtases, as renúncias, os jejuns, as vigílias, as belas liturgias, se tu não amas teus irmãos? Nada mudou em teu coração; tu procuras agradar a ti mesmo, não procuras agradar a Deus que nos pede amar a todos os homens como ele mesmo os ama. Ele, “que faz chover sobre os bons e os maus”. Se tu amas somente as pessoas com as quais tens afinidade, que pensam como tu, que crêem como tu, não valeu a pensam como tu, que crêem como tu, não valeu a pena fazer-te monge, tu deverias ter te casado.

Quando tens dificuldades com um irmão

Lembra-te da palavra de Jacó a seu irmão: “Eu vi tua face e foi como se tivesse visto a face de Deus”(Gn 33, 10) “Quem vê seu irmão, vê seu Deus”, dizem ainda os Padres. Só o Espírito Santo nos dá olhos para ver. Meu Deus, como sou cego! Eu não vejo a beleza de meu irmão. “Filho de Daví, tende piedade de mim. Fazei que eu veja, Senhor. “Abri os meus olhos para que eu os veja, Jesus, em todos e em tudo”. Quando tens dificuldades com um irmão ou que tal ou tal visita te repugna, reza assim e verás...

Tudo o que fazes ao menor de teus irmãos, é também ao Cristo que o fazes. Se compreenderes isto, não te cansarás de fazer o bem. Todas as energias do Evangelho estão nestes simples preceitos: “Amarás teu próximo como a ti mesmo. Tudo o que quereis que os outros façam por vós, fazei-o vós mesmos por eles. Basta um mau pensamento contra teu irmão para que a imagem de Deus seja manchada em ti e para que sua paz te seja tirada. Como podemos nós, com a mesma língua louvar a Deus e dizer mal de nossos irmãos? É sinal de que temos coração duplo, dividido; o amor de Deus não o enche. O Espírito de unidade não está em nós, e nos tornamos instrumentos daquele que divide, o Diabo”

Aquele que vê Deus em seu irmão se diviniza. Aquele que só vê o mal, pode-se dizer que ele se “demoniza”. Não sabemos todo o mal que podemos fazer com nossa língua; há assim os que se tornaram os destruidores de seus irmãos. É preciso orar muito para que deus nos livre desta mania de tudo criticar, de ver sempre o pior em cada um; ele é a imagem de Deus. “Não olhes o resto, arriscarias cruzar teu olhar com o dos demônios”.

É preciso ver o Espírito Santo em si para vê-lo nos outros. Aquele que só vê o mal em seu irmão, é ele mesmo possuído por um mal espírito.

Com misericórdia e compaixão

Jesus só era violento com os fariseus, os orgulhosos, os hipócritas, aqueles que julgavam seu irmãos. ‘Os espirituais julgam tudo’, é verdade, mas eles julgam tudo com misericórdia, como Jesus, isto é, eles tomam sobre si, os pecados de seu irmão. Jesus se fez pecado por nós, ele pediu perdão de nossas faltas como se fossem suas, ele que jamais conheceu o pecado.

É assim que é preciso amar seu próximo, como a si mesmo. Os santos, quando olhavam o pecado do mundo, não diziam: “O mundo está podre”, “que decadência”, “civilização de cães”. Eles se prostravam no chão e seu coração estava cheio de lágrimas e de compaixão por todos os homens. “Tende piedade de mim, pecador”. E tu, tu zombas, olhas a miséria de teus irmãos com altivez, e quererias ainda trazer o nome de cristão!

Se não perdoas do fundo do coração a teu irmão, jamais terá paz. eu conheço muitos cristãos que viveram anos inteiros sem perdoar a seu irmão. Eles eram tristes e algumas vezes doentes; é que o Espírito Santo não podia mais penetrar neles. Se nós não perdoamos, do fundo do coração, todas as ofensas dos homens feitas a nós, o amor não pode circular em nós, o amor não pode circular em nós, e este é o maior mal que possa nos acontecer. Cada dia, é preciso perdoar, “até setenta vezes sete”. É difícil, isto é cotidiano; só as pessoas humildes sabem perdoar, elas sabem que são pouca coisa, que os insultos e as maledicências - não somente elas as perdoam - mas eles crêem que os merecem e procuram em seu comportamento o que possa ter podido entristecer teu irmão, e pedem a Deus dar todos a alegria de seu Espírito Santo.

Marta se comparou com sua irmã Maria e logo perdeu o único necessário que era amar o Cristo e servi-lo. Assim, quando nos comparamos uns aos outros, perdemos o espírito Santo que nos une ao Pai e ao Filho. Não julgues as obras de teu irmão, não compares teus jejuns, tuas vigílias, não meça tua vida segundo a de teu irmão, pois a cada um será pedido segundo o que tiver recebido e “que és tu para julgar teu irmão?” “Se Deus não vos tivesse dado a graça, vós serieis como Sodoma e Gomorra”.

É um verdadeiro veneno em nossas comunidades, estes julgamentos de uns sobre os outros. Aquele que não julga seu irmão, que não tem um pensamento mal contra ele, é semelhante aos anjos. É preciso vencer o mal pelo bem e não o mal pelo mal (Rm 12,21). “Tendes ouvido o que foi dito: **Olho por olho, dente por dente**, Eu porém, vos digo: Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil. Dá a quem te pede e não te desvies daquele que te pedir emprestado” (Mt 5, 38-42). Se tu pões em prática estas palavras, serás verdadeiramente divinizado. Por tua misericórdia e por tua paciência, serás Deus para teus irmãos.

Jamais se ama o bastante

São Mateus diz: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. São Lucas diz: ‘Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso’. A perfeição, é a misericórdia; toda procura da perfeição que não tender para a misericórdia e o amor dos inimigos é uma perfeição do demônio. Jamais somos juntos no amor. Não amamos bastante Deus, não amamos bastante nossos irmãos. Olha o Cristo e vê que tu não começaste ainda a amar e a viver segundo o Evangelho.

O monge cristão não foge do mundo por desgosto do mundo mas por amor ao mundo. Como o Cristo, ele não tem no coração a condenação, mas o desejo da salvação de todos; é para orar por todos os homens que ele se retira no deserto. Ele vai ao coração do mundo. quanto mais está unido a Deus, mais próximo está dos homens. Do mesmo modo, quanto mais unido ao próximo, mais próximo está de Deus. Para fazer compreender isto, os Padres tinham uma imagem que nós

gostamos muito de repetir aqui: “Imagina um círculo traçado sobre a terra, isto é, uma linha traçada em círculo com um compasso e um centro. O círculo é o mundo, o centro, Deus, e os raios, os diferentes caminhos ou maneiras de viver dos homens. quando os santos desejam se aproximar de Deus, caminham para o meio do círculo, na medida em que penetram no interior, eles se aproximam uns dos outros ao mesmo tempo que Deus, mais eles se aproximam uns dos outros, e, quanto mais se aproximam uns dos outros, mais se aproximam de Deus”.

Aquele que ama é como o Cristo

Sem a caridade, como diz São Paulo, mesmo se falássemos as línguas dos anjos e tivéssemos a verdadeira fé ortodoxa, mesmo se transpússemos as montanhas e dêssemos aos pobres tudo o que possuímos, e entregássemos nosso corpo ao martírio pelas vigílias e os jejuns inumeráveis, Tudo isto de nada serviria. Aquele que ama não julga ninguém, não injuria a pessoa alguma, não entristece, não repele a ninguém, nem o infiel, nem o estrangeiro, em o impudico, nem o celerado, e, sobretudo, seu irmão católico ou protestante que ama o Cristo como ele e chama Deus, Pai. Aquele que ama procura a companhia dos pecadores, dos fracos, dos negligentes é por eles que ele sofre, que ele chora, que ele reza. Ele é como o Cristo que veio ao mundo não para os que estão com saúde, mas para os doentes, não pelos justos mas pelos pecadores. Aquele que ama pede a Deus para ficar sozinho no inferno, contanto que todos sejam salvos.

“Dia da Ressurreição! Irradiemos de alegria e abracemo-nos uns dos outros. Chamemos irmãos, mesmo aqueles que nos odeiam. Perdoemos tudo por causa da Ressurreição”. Aquele cujo coração está embriagado de alegria por cauda da Ressurreição, como poderia ainda julgar teu irmão? “Lembra-te de Jesus Cristo ressuscitado dentre os mortos”, não te desesperes e guarda-te de entristecer teu irmão. Não julgues os outros segundo tua justiça mas segundo a misericórdia de Deus. Derramarás lágrimas e a paz que ultrapassa todo entendimento descerá sobre ti.

Rejubila-te pelas graças que Deus concedeu aos outros, aí está o segredo de uma paz. Agradece a Deus por todo o bem que vês em teus irmãos e que te falta, tu serás livre do inferno do ciúme. Procura um jeito para que teu irmão seja sempre mais honrado, mais reconhecido que tu e o ciúme não terá mais império sobre ti.

Sobre a Hesyquia e o Dom do Espírito Santo

“Quando o Espírito Santo estabelece sua morada no homem, este não pode mais parar de orar. Pois o Espírito Santo não cessa de orar nele, quer ele durma ou vigie, a oração não se separa de seu coração. Quer ele coma, ou beba, deitado ou trabalhando, dormindo, o perdão da oração se exala espontaneamente de seu coração. de agora em diante, ele não determina o tempo da oração, mas ele dá todo o seu tempo”.

Santo Isaac

A hesyquia é uma ausência de todo cuidado, segundo o mandamento do Senhor que reprova a Marta sua agitação e sua inquietude. Ele disse aos Apóstolos: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã, nem com o que comereis, nem com o que vestireis”. O monge afastou todo cuidado do mundo para encontrar o único necessário: o Espírito Santo.

Preocupar-se, agitar-se por coisas terrestres é a prova que não se colocou toda sua confiança em Deus e que um pouco de orgulho subsiste em nós. Isto não quer dizer que não se deve fazer nada. é

preciso fazer todo possível, mas sabendo que o resultado de nossos esforços pertence a Deus só. É a Ele, não a nós, que cabe colher o fruto.

A **hesyquia** conduz a **apathéia**, este estado onde o homem, transformado pelo Espírito Santo, se assemelha a Deus. A **apathéia** cristã não é a dos filósofos estoicos. Não há nada de pesado nela, e um santo é o contrário de um indiferente. A humildade o pacificou e só há o amor que queima nele, assim, ele vê todas as coisas com o mesmo olhar.

O hesicasta é livre das más paixões e dos maus pensamentos. Sua vontade e sua inteligência não são destruídas mas transfiguradas, ambas orientadas para o Bem. O que quer que ele faça, onde quer que ele vá, seu único cuidado é de conservar a humildade e de amar mais.

Com o Espírito Santo

Só se pode conhecer a Deus pelo Espírito Santo. A filosofia, a teologia podem conduzir a Ele, mas somente o semelhante pode conhecer o semelhante. É preciso se ter tornado Deus pelo Espírito Santo para conhecer Deus. Se tu amas teus inimigos, tu conheces Deus, pois quem ama, permanece em Deus. Tu serás totalmente semelhante, quando o vires tal qual ele é, quando o vires com o espírito santo. A ascese, as lágrimas, a humildade e o amor nos preparam e nos tornamos “todo olho”, este olhar simples que já nos simplifica à imagem de Deus.

O Espírito Santo é o mesmo no céu e na terra. aquele que, desde esta vida, fez a experiência do Espírito santo conhece já o mundo futuro; mas aquele que não viu Deus nesta vida, dizia Simeão o Novo teólogo, não o verá também na outra. Pelo Espírito Santo, nós nos voltamos somente ao paraíso terrestre, nós entramos no Reino da bem-aventurada Trindade e isto é a vida eterna. Pelo Espírito Santo, somos filho com o Filho voltado para o Pai.

O hesicasta passa pelo mundo fazendo o bem e, como Jesus, ele pode dizer: “É preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai”. Sua vida reproduz o mistério pascal; ele está morto e ele está ressuscitado. Ele une em si o visível e o invisível, a natureza criada e a graça increada.

Abba Paíssiús rezava por um de seus discípulos que havia rejeitado o Cristo e, durante a oração, o Senhor lhe apareceu e disse: “Paíssiús, porque rezas? não sabes que ele me negou?” Mas o santo continuava a ter compaixão de seu discípulo e então o Senhor lhe disse: “Paíssiús, por teu amor, tu te assemelhaste a mim”. É assim que nós encontramos a paz. não há outro caminho. o Cristo não nos dá a paz como o mundo nos dá. Ele nos cobre das tribulações, de dificuldades, afim de que experimentemos a força e a doçura de seu amor.

Nossos pais fizeram a experiência do espírito santo, eles conheciam a paz que ultrapassa todo entendimento e nós julgamos tudo isso inconcebível. Somos de tal modo apegados as concepções de nossas pseudo-ciências. Quem nos dará humildade e o desejo da corça que suspira pela água viva?

Vinde, Espírito Santo!
Vinde, Pai dos pobres!
Vinde, Senhor Jesus!

FIM